



PROJETO **MEDICINA**
VETERINÁRIA
DE ABRIGOS

Guia introdutório de bem-estar e comportamento de cães e gatos

para gestores e
funcionários de abrigos

**Medicina Veterinária do
Coletivo – UFPR**

Lucas Galdioli, Heloise Zavatieri
Polato, Luis Fernando Turozi
Mausson, Cintia Parolim Ferraz
e Rita de Cassia Maria Garcia



Medicina Veterinária do
Coletivo-UFPR

GUIA INTRODUTÓRIO DE BEM-ESTAR E COMPORTAMENTO DE CÃES E GATOS PARA GESTORES E FUNCIONÁRIOS DE ABRIGOS

Editores e Organizadores:

Lucas Galdioli
Heloise Zavatieri Polato
Luis Fernando Turozi Mausson
Cíntia Parolim Ferraz
Rita de Cassia Maria Garcia

Apoio e Revisão:

Instituto PremieRpet®

1ª Edição: julho, 2021



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.

G149

Galdioli, Lucas

Guia introdutório de bem-estar e comportamento de cães e gatos para gestores e funcionários de abrigos [recurso eletrônico]. / Lucas Galdioli, Heloise Zavatieri Polato, Luis Fernando Turozi Mausson, Cintia Parolim Ferraz, Rita de Cassia Maria Garcia (Editores e Organizadores). – Curitiba : MVC, 2021.

1.295 Kb – 72 p.: il. col.

Inclui bibliografia.

ISBN eBook 978-65-89713-09-8 (online).

1. Medicina veterinária. 2. Animais - Proteção. 3. Abrigos para animais - Manuais, guias, etc. I. Título. II. Universidade Federal do Paraná. III. Medicina Veterinária do Coletivo - UFPR (MVC).

CDD 636.0832

Catálogo na Fonte UFPR – Sistema de Bibliotecas - SIBI
Bibliotecário: Guilherme Luiz Cintra Neves - CRB9/1572

Sumário

Apresentação.....	3
Capítulo 1 - Senciência e Bem-estar Animal.....	5
Capítulo 2 - Indicadores para monitoramento de níveis de bem-estar animal para cães e gatos em abrigos..	7
Capítulo 3 - Etograma de Cão e Gato	14
Capítulo 4 - Como os cães e gatos se comunicam?	19
Capítulo 5 - Aspectos sensoriais dos cães e gatos de abrigos que podem influenciar no bem-estar animal ..	32
Capítulo 6 – Socialização	35
Capítulo 7 - Avaliação e Tratamento Comportamental.....	39
Capítulo 8 – Educação e adestramento pré-adoção	50
Capítulo 9 - Principais problemas que causam baixos níveis de bem-estar animal para cães e gatos em abrigos	53
Capítulo 10 - Enriquecimento Ambiental	62
Capítulo 11 - Monitoramento das adoções e aconselhamento comportamental	66
Capítulo 12 - Orientações básicas para adotantes sobre o comportamento de cães e gatos	68
Referências	70

Apresentação

A dificuldade de coibir e prevenir o abandono de cães e gatos é uma realidade em diversos países, tendo implicações tanto para a saúde pública como para o bem-estar dos animais. As mudanças de políticas no manejo populacional de cães e gatos demandaram novos conhecimentos para os serviços de controle de zoonoses, já que os animais capturados não podiam mais ser eliminados, devendo ser tratados, avaliados e destinados adequadamente. Esse fato impulsionou os cursos e estudos da Medicina Veterinária em abrigos no Brasil. A preocupação de proporcionar apenas os cuidados básicos, como abrigo, água e alimento, foi, aos poucos, incluindo os aspectos comportamentais e psicológicos para a promoção de uma boa qualidade de vida dos animais abrigados.

Nos abrigos com atuação da proteção animal, os médicos-veterinários clínicos de pequenos animais auxiliam no tratamento dos cães e gatos, aplicando o conhecimento da clínica médica individual de forma coletiva. No entanto, novas abordagens, conhecimentos e práticas são necessários para prevenir doenças e diminuir os gastos e o período de manutenção dos animais antes da sua adoção. A lógica da clínica médica centrada no indivíduo precisa ser repensada para o coletivo. Os médicos-veterinários, em geral, não estão preparados para cuidar dos animais no coletivo, pois uma nova abordagem é necessária para que os animais sejam recuperados física e psicologicamente antes da adoção, e em um tempo curto de permanência no abrigo para diminuir o risco de adoecimento do animal e economizar recursos.

O grande desafio dos abrigos é garantir bons níveis de bem-estar aos animais e cuidar de suas necessidades individualmente, sem perder o foco no grupo. Os espaços devem ser projetados para acolher, cuidar dos animais e encaminhá-los para adoção o mais brevemente possível. Quando a permanência se faz necessária por mais tempo, muitos dos lugares não estão preparados para atender às demandas, tanto físicas quanto comportamentais, dos animais. A rotina dos abrigos exige conhecimento e comprometimento dos funcionários, médicos-veterinários e administradores, pois apenas a “boa intenção” no momento do resgate do animal não se traduz, necessariamente, em programas preventivos efetivos e bons níveis de bem-estar animal.

A vida de cães e gatos abandonados é completamente modificada quando eles são resgatados. Acolhidos, não precisam mais lutar por abrigo, por comida, para não serem atropelados ao cruzar a rua ou para escapar de maus-tratos. Porém, mesmo dentro de instituições sólidas, diversas dificuldades e desafios ainda precisam ser enfrentados. Eles passam a conviver com dezenas de outros animais, muitas vezes em contato direto, sem local destinado para aqueles que

estão em recuperação ou com alguma condição clínica especial. Por outro lado, também necessitam de programas de enriquecimento ambiental que contribuam para o seu bem-estar físico e mental.

Aliados ao manejo sanitário, alguns abrigos procuram melhorar as chances de adoção dos animais sob seus cuidados por meio da educação e, se necessária, a modulação comportamental, uma vez que os problemas de comportamento estão entre as principais causas de devolução e abandono de animais. Portanto, a prevalência desses problemas em animais de abrigo tende a ser maior quando comparada à população dos domiciliados. Adicionalmente, o alojamento em abrigos por longos períodos, com uma alta densidade animal, pouca interação humano-animal positiva, falta de contato social com outros animais da mesma espécie, erros nos manejos de proteção sanitária e falta da percepção para garantir a saúde mental podem diminuir o grau de bem-estar destes animais e torná-los mais propensos a problemas comportamentais e, conseqüentemente, diminuir a taxa de adoção.

Nesse contexto, a equipe de Medicina Veterinária do Coletivo da Universidade Federal do Paraná (UFPR), com apoio do Instituto PremieRpet®, idealizou este guia introdutório, com o objetivo prover informações, definições básicas e práticas de bem-estar que auxiliem o trabalho diário de manejo dos animais aos gestores, funcionários e médicos-veterinários que atuam em abrigos de animais. É de extrema importância que todas as medidas citadas sejam avaliadas e realizadas por profissionais capacitados na área.

Capítulo 1 - Senciência e bem-estar animal

A Declaração de Cambridge, em 2012, foi um marco no meio científico no reconhecimento da consciência animal. Renomados neurocientistas retrataram que “a ausência de um neocórtex não parece impedir que um organismo experimente estados afetivos. Os animais não humanos têm os substratos neuroanatômicos, neuroquímicos e neurofisiológicos dos estados conscientes, além da capacidade de exibir comportamentos intencionais”.

Estudos da consciência animal foram significativos para o crescimento da ciência do bem-estar animal, que começou a ser pesquisada em 1965 por um comitê de pesquisadores do Reino Unido, em resposta à pressão da população indignada com os maus-tratos a que os animais eram submetidos em sistemas de confinamento, relatados no livro *Animal Machines*, de Ruth Harrison. A ciência do bem-estar animal estuda como os animais se sentem frente a diversas situações e, por isso, tem poder de promover melhorias significativas na vida desses seres sencientes. A sentiência, por sua vez, é a capacidade cognitiva de experimentar sentimentos — como alegria, prazer, dor, fome, calor e frio — de forma consciente, de perceber o seu entorno e a si mesmo.

A saúde e o bem-estar dependem da satisfação das necessidades comportamentais, emocionais, físicas, sanitárias e ambientais. Cada animal tem uma variedade de necessidades psicológicas, determinadas por fatores como espécie, genética, personalidade, socialização primária e experiências anteriores. Um dos conceitos mais aceitos sobre bem-estar, proposto por Donald Broom em 1986, é “o estado de um indivíduo em se adaptar ao seu meio”. Expandindo essa definição, a Organização Mundial da Saúde Animal (OIE) afirma que bem-estar animal é como um animal responde às condições em que vive. Um alto grau de bem-estar pode ser notado quando o animal está bem nutrido, saudável, confortável, seguro, capaz de expressar seu comportamento natural, e não está sentindo dor, medo ou angústia. Isso implica em nutrição, sanidade e ambiente adequados, tratamento, veterinários e boas práticas de manejo.

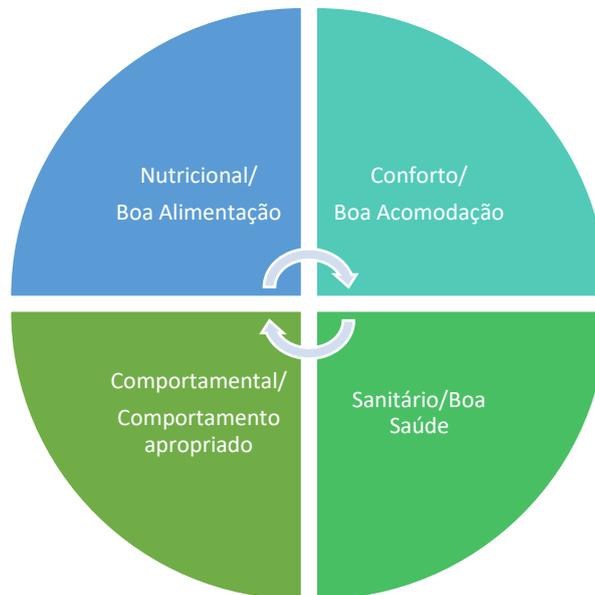
Para diagnosticar o nível de bem-estar animal e os principais aspectos que influenciam a sua qualidade de vida, são usados instrumentos reconhecidos mundialmente com base nas cinco liberdades dos animais (Figura 1). Os princípios adotados para a avaliação do nível de bem-estar animal podem ser observados no Gráfico 1.

Figura 1 – Cinco liberdades dos animais.



Fonte: Adaptado de Webster, 2016.

Gráfico 1 - Princípios para avaliação do bem-estar de acordo com as cinco liberdades.



Fonte: Adaptado de Hammerschmidt; Molento, 2014.

Capítulo 2 - Indicadores para monitoramento de níveis de bem-estar animal para cães e gatos em abrigos

A garantia de bons níveis de bem-estar dos animais em abrigos é fundamental para diminuir o estresse, a imunossupressão (baixa de imunidade), as doenças e comportamentos indesejados que podem comprometer a adoção. A avaliação desses níveis pode ser realizada através de um conjunto de indicadores.

Uma forma de realizar uma avaliação sistemática, estruturada, abrangente e coerente do nível de bem-estar animal, foi desenvolvido pelo Professor David Mellor, da Universidade *Massey*, sendo constituído no Modelo dos Cinco Domínios (Figura 2). Este modelo foi confeccionado de modo a incorporar medidas de bem-estar positivo, bem como a proteção contra estados negativos de bem-estar, considerando quatro domínios que contemplam os estados internos ou físico-funcionais do animal, sendo eles “Nutrição” (Domínio 1), “Ambiente” (Domínio 2), “Saúde” (Domínio 3) e “Comportamento” (Domínio 4).

O destaque desse modelo é a atualização da inclusão dos estados mentais positivos. Cada um dos quatro domínios acima – Nutrição, Ambiente, Saúde Física e Comportamento – influenciará o quinto domínio, correspondente ao estado mental do animal, com suas experiências positivas e negativas. O comprometimento dos domínios físicos (Domínios 1 a 4) é usado para inferir cautelosamente quaisquer experiências afetivas associadas ao domínio “Mental” (Domínio 5). Para exemplificar, se não for fornecida uma oportunidade de escolha de ambientes no Domínio 2, o animal poderá experimentar estados emocionais negativos, como frustração, no Domínio 5. Dessa forma, esse modelo trabalha como uma ferramenta de avaliação e gerenciamento do bem-estar animal e não deve ser colocado como uma representação fidedigna da relação entre estrutura e função do organismo animal, tampouco como uma definição de bem-estar animal.

Figura 2 - Modelo dos Cinco Domínios para medição do bem-estar animal, com exemplos.



Fonte: Mellor; Hunt; Gusset, 2015.

Para avaliação do domínio, deve-se levar em consideração o comportamento natural, a biologia e a ecologia da espécie em questão, além da respectiva relação com o ambiente social e físico sob avaliação. O organismo funciona como uma entidade dinâmica e integrada, ou seja, à medida que as funções ou estados internos do corpo, circunstâncias externas e estados mentais se relacionam, inevitavelmente ocorrem interações entre os domínios, que podem ser caracterizadas como relações de causa e efeito. Assim, o estado de bem-estar de um animal não é fixo, e a qualquer momento pode estar localizado entre os extremos de muito pobre e muito bom, e seu bem-estar pode diminuir ou aumentar. Os propósitos da avaliação e manejo do bem-estar animal são para monitorar, detectar e corrigir o bem-estar pobre quando ocorre, manter o bom bem-estar, e, de preferência, o bem-estar muito bom quando isso for praticável.

As Cinco Necessidades de Bem-Estar Animal constituem um fundamento recomendado e adequado para funcionários e tratadores conhecerem e utilizarem como base para realizarem um manejo adequado e garantir bem-estar aos animais, sendo elas:

1. Necessidade de um ambiente adequado. O ambiente a que um cão ou gato está exposto, principalmente em abrigos, deve proporcionar proteção e conforto, disponibilizando um local de

repouso aconchegante e tranquilo, acesso regular a espaços para eliminação dos dejetos e oferecer a possibilidade de movimento e exercício em instalações higienizadas. Atender as necessidades ambientais é essencial (não opcional) para o bem-estar ideal de um cão e gato. As necessidades ambientais incluem aquelas relacionadas não apenas ao ambiente físico (dentro ou fora de casa/abrigo), mas também aquelas que afetam a interação social, incluindo respostas ao contato humano. Para isso, é imprescindível conhecer o comportamento de cada espécie, como deve ser realizado as interações e os manejos no ambiente e nas relações interespecies. No QR code ao lado, é possível entender mais sobre as necessidades comportamentais dos gatos com as Diretrizes de Necessidades Ambientais da *American Association of Feline Practitioners* e da *International Society of Feline Medicine*.



2. Necessidade de dieta adequada. A dieta de cães e gatos deve suprir as suas necessidades fisiológicas e comportamentais. É possível avaliar se a nutrição é adequada mediante à variação do peso e/ou dos níveis de condição corporal/muscular, e a uma ingestão adequada de alimento e água. Indica-se a pesagem rotineira de todos os animais para esse controle e identificação de doenças, pelo menos uma vez ao mês. Deve-se notar que o bem-estar pode ser negativo em ambos os extremos — conduzindo à subnutrição, caso haja ingestão insuficiente de alimento, ou predispondo à obesidade, se for ingerido alimento em excesso. O manejo alimentar em abrigos é um desafio, mas medidas devem ser tomadas para garantir uma nutrição adequada para cada animal. Além de uma dieta balanceada, é necessário ter estratégias de disponibilidade para todos os animais, frequência correta e da forma de distribuição de acordo com a espécie.

3. Necessidade de ser alojado com (ou afastado de) outros animais. Alguns dos animais de companhia desenvolveram comportamentos que lhes exigem a vida em grupos sociais, enquanto outros têm um estilo mais solitário. Os cães têm natureza gregária, afiliativa, cooperativa e afetiva. São animais extremamente comunicativos e muito sociais, vivem em matilhas na natureza e necessitam de contato visual e acústico de outros indivíduos da mesma espécie. Estabelecem vínculos afetivos com o grupo em maior grau que com o ambiente em que vivem, aspecto que os diferencia dos felinos. Os grupos sociais de gatos, ou colônias, possuem organização social complexa e seus membros se reconhecem e praticam diversos padrões comportamentais típicos de espécies sociais. Quando em grupos, os gatos formam relações afiliativas com grupos da mesma espécie, realizando limpeza social, esfregando-se uns nos outros, cumprimentando-se e procurando contato direto com indivíduos específicos. Alguns gatos formam relações afiliativas com tal grau de complexidade que alianças e antipatias geradas podem afetar o acesso de determinados animais

aos recursos disponíveis e gerar consequências graves e até mesmo a morte. Dessa forma, cães e gatos devem ser avaliados numa base individual, em conformidade com o seu grau de socialização, genética e experiência prévia. Os cães que vivem sozinhos, sem a companhia de outros cães, necessitam de maior interação com os humanos. Do mesmo modo, os gatos podem viver uns com os outros, mas esta convivência também pode originar disputas, lutas e um nível baixo de bem-estar, sobretudo se os gatos não forem introduzidos uns aos outros em idade jovem ou de forma gradativa e estruturada.

4. Necessidade de poder expressar padrões normais de comportamento. Essa necessidade inclui a manifestação de comportamentos normais ou característicos da espécie, como a higiene, afastamento e/ou interação com humanos ou com outros animais. Caso um animal permaneça confinado a uma gaiola de pequenas dimensões ou acorrentado em um recinto pequeno, isso representará uma limitação na sua capacidade de explorar o ambiente e se exercitar, podendo caracterizar maus-tratos. Cães e gatos possuem comportamentos filogenéticos, ou seja, comum a todos os indivíduos de uma mesma espécie, que devem ter seu repertório suprido. Os comportamentos naturais de cães e gatos poderão ser vistos no decorrer deste guia.

5. Necessidade de ser protegido da dor, sofrimento, trauma e doença. Todos os abrigos devem ter protocolos dos manejos sanitários e preventivos para garantir uma saúde adequada, tanto física quanto psicológica dos animais, prevenindo doenças e infestações. Rondas diárias são necessárias com o intuito de identificar alterações comportamentais, lesões ou doenças. Os funcionários devem relatar sempre quais animais estão mais quietos, presença de diarreia ou vômito e outros sinais que indiquem doença. Além disso, é muito importante que sejam feitas as avaliações da dor nos animais que estão apresentando alguma alteração fisiológica e física. Essa avaliação deve ser realizada de forma individual e contínua, por meio de escalas validadas que minimizam a subjetividade da avaliação, direcionando e melhorando a efetividade do tratamento. Na presença de dor deve ser proporcionada uma analgesia adequada.

Existem diferentes escalas validadas para avaliação da dor crônica ou aguda em cães e gatos. As escalas de avaliação de dor aguda são importantes ferramentas utilizadas no acompanhamento pós-anestésico dos pacientes. A escala modificada de Glasgow é amplamente utilizada para avaliação de dor aguda em cães e a escala de dor composta multidimensional da UNESP-Botucatu é uma ferramenta validada para avaliação de dor aguda em gatos. As escalas mencionadas podem ser acessadas pelos *QR codes* abaixo.

Escala modificada de Glasgow:



Escala multidimensional da UNESP-Botucatu para avaliação de dor aguda pós-operatória em gatos (PDF):

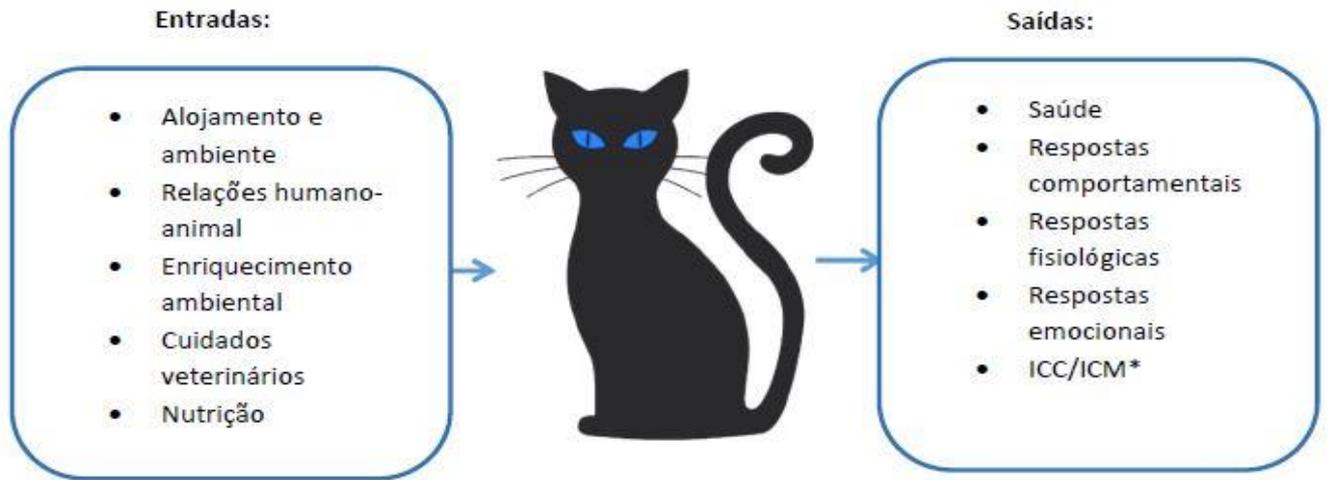


Escala multidimensional da UNESP-Botucatu para avaliação de dor aguda pós-operatória em gatos (Vídeos):



Os animais respondem diretamente ao ambiente que os rodeia. Estas respostas podem ser mensuradas e utilizadas como indicadores de bem-estar animal. Pode ser útil visualizar o estado de bem-estar de um animal mediante o recurso de medidas de entrada e de saída (Figura 3). As entradas são os fatores externos que podem afetar o animal, e as saídas é como o animal se manifesta para o meio. As entradas incluem fatores como o alojamento, ambiente e nutrição, bem como o tipo de contato social com humanos e/ou outros animais e os cuidados veterinários. Há uma necessidade absoluta de entradas, como uma nutrição de qualidade, que proporcione a base para um nível elevado de bem-estar. As medidas de saída podem ser úteis para avaliar se as medidas de entrada estão ou não adequadas ao animal. Por isso, elas são geralmente preferidas, pois podem oferecer uma perspectiva mais exata do estado de bem-estar do animal. Por exemplo, caso não tenha sido efetuada uma vacinação, o animal estará suscetível a contrair doenças infecciosas, o que poderá acarretar grau de bem-estar baixo.

Figura 3 - O bem-estar animal pode ser medido através do recurso de medidas baseadas nas entradas e saídas.



*ICC= Índice de Condição Corporal; ICM= Índice de Condição Muscular

Fonte: Ryan et al., 2019.

Ao reconhecer que os animais podem experienciar estados emocionais positivos ou negativos, boa ou má saúde, diversidade ou restrição comportamental, verifica-se que todos estes elementos podem influenciar o seu bem-estar, numa escala contínua, variável entre bem-estar negativo ou inadequado até positivo ou adequado (Figura 4).

Figura 4 - Espectro do bem-estar. O conceito geral de bem-estar animal demonstrado em uma escala contínua entre bem-estar negativo/inadequado e positivo/adequado.



Fonte: Ryan et al., 2019; adaptado de Ohl e van der Staay, 2012.

O nível de bem-estar de cães e gatos pode ser classificado em:

1) Bem-estar inadequado:

- Recursos ambientais insuficientes para a execução do comportamento natural;
- Restrição severa de espaço e/ou contato social inadequado com animais da mesma espécie;
- Animais com comportamentos anormais;
- Animais demonstrando medo na presença do tratador.

2) Bem-estar parcialmente adequado/regular:

- Recursos ambientais parcialmente satisfatórios;
- Alguma restrição de espaço;
- Atividades comportamentais limitadas;
- Ausência de eventos positivos de interação entre animal e tratador;
- Ausência de passeios guiados ou solturas em áreas de socialização em abrigos, no caso de cães.

3) Bem-estar adequado:

- Recursos ambientais suficientes;
- Animal com liberdade de movimento e possibilidade de execução de grande parte dos comportamentos naturais;
- Contato social com animais da mesma espécie;
- Ocorrência de eventos positivos na interação com os tratadores;
- Passeios guiados e solturas em áreas de socialização regulares;
- Ausência de comportamentos anormais;
- Animal calmo ou com demonstração de emoções positivas.

É importante considerar que uma das inadequações mencionadas resultam em um nível de bem-estar baixo e/ou muito baixo. Como auxílio na avaliação do grau de bem-estar animal, pode ser adotado o Protocolo de Perícia em Bem-Estar Animal (PPBEA) exposto no *QR code* ao lado.



Os animais, durante sua estadia nos abrigos, estão sujeitos a uma variedade de influências e estressores psicológicos, incluindo isolamento, exposição a imprevisíveis rotinas, intensos ruídos, maus-tratos (negligências), dentre outros. É imprescindível considerar que todo abrigo é um ambiente de risco e a avaliação do bem-estar dos animais deve ser rotineira.



Capítulo 3 - Etograma de cão e gato

O comportamento animal é resultado da interação entre fatores genéticos e ambientais. Dentro dessa ciência, é comum a utilização de etogramas, método para qualificar e quantificar os comportamentos que os animais apresentam dentro do contexto em que estão inseridos. Essa análise é importante para a prevenção, diagnóstico e tratamento dos problemas de comportamento dos animais. Na fase de qualificação, ocorre a observação do animal, descrição do seu comportamento e categorização. Já na fase quantitativa, avalia-se o número de repetições de determinado(s) comportamento(s) exercido(s) pelo animal em um período de tempo pré-determinado.

O uso do etograma visa facilitar o entendimento sobre o animal e o que ele está sofrendo, averiguar quais situações ou tipos de interação aumentam os níveis de estresse, medo, ansiedade, frustração, agressividade ou mesmo relaxamento e felicidade. De modo a identificar qual o efeito do ambiente e de outras espécies, evitando suposições e guiando as intervenções comportamentais para serem as mais efetivas possíveis.

Para uma análise etológica, 3 fases devem ser seguidas:

1. Observações preliminares

Antes do estudo em si, deve-se fazer observações, no horário de maior atividade do animal, para uma avaliação geral, de modo a verificar quais os comportamentos mais exibidos por ele, e também treinar o funcionário/voluntário que irá realizar a observação.

2. Qualificação dos comportamentos

Momento de qualificar todos os comportamentos apresentados pelo animal, tudo o que ele faz ou deixa de fazer. Se possível, realizar a divisão em tipos (categorias) e padrões comportamentais. Importante que ocorra a descrição detalhada do comportamento.

3. Quantificação

Anotar quantas vezes em cada sessão os animais exibem cada um dos comportamentos. É possível fazer a anotação sempre que os comportamentos analisados forem exibidos dentro do período de tempo pré-determinado (técnica "Animal Focal"), ou a observação pode ser baseada em anotar o comportamento exibido em tempos fixos, ainda dentro do período de tempo pré-determinado (por exemplo, anotar o que o animal está fazendo a cada 5 minutos).

A seguir temos um exemplo de comportamentos importantes em cães (Tabela 1) e em gatos (Tabela 2) que, se praticados em excesso ou se diminuídos, podem demonstrar que o animal sofre algum

distúrbio, portanto, evidenciando que suas necessidades comportamentais não estão sendo atendidas.

Tabela 1 – Descrição dos comportamentos dos cães para análise do etograma.

Comportamento Não-social		
ESTADOS		
	Deitado	Corpo e patas em contato com o chão.
	Sentado	Parte traseira do corpo encostada ao chão.
	Andar	Locomoção com o deslocamento das patas para frente e para trás.
	Correr	Locomoção com deslocamento rápido, no qual as patas traseiras ultrapassam o meio do corpo.
	Comer	Consumir alimentos sólidos.
	Beber	Consumir água.
INDIVIDUAL		
	Auto higienização	Lamber o próprio corpo e a região genital.
	Coçar	Passar a pata traseira pelo corpo ou fazer com os dentes.
	Cavar	Arranhar o solo com uma ou ambas as patas dianteiras.
	Bocejar	Boca aberta, olhos fechados e orelhas para trás.
	Farejar o solo	Cheirar/explorar o chão/paredes e objetos do ambiente.
	Espreguiçar	Esticar as patas traseiras e dianteiras alternadamente, corpo esticado.
	Chacoalhar	Balançar o corpo rapidamente, agitando bruscamente os pelos, começando na cabeça e indo até o rabo.
ELIMINAÇÃO/MARCAÇÃO		
	Urinar	Urinar em qualquer local do ambiente.
	Urinar sobre	Urinar em um local que outro animal urinou ou defecou pouco antes.
	Defecar	Defecar em qualquer local do ambiente.
Comportamento Social		
NÃO AGONÍSTICO		
	Submissão	Ventre para cima, rabo abanando lentamente entre as pernas e rolar no chão.
	Em alerta	Cabeça e orelhas erguidas, boca aberta e língua para fora.
AGONÍSTICO*		
	Investir	Avançar em direção a uma pessoa ou animal, pelos eriçados e orelhas voltadas para trás.
	Rosnar	Vocalização forte e longa, dentes a mostra, boca semiaberta e orelhas para trás.
	Latir	Vocalização curta, direcionada a outros animais ou pessoas.
	Morder	Mordida com a mandíbula fechada.

*Comportamento agonístico é aquele que se relaciona a uma disputa, e engloba diferentes atitudes e comportamentos associados com a luta. Fonte: Adaptado de Suhett et. al., 2011.

Tabela 2 – Descrição dos comportamentos dos gatos para análise do etograma.

Comportamento Felinos	
ESTADOS	
Caminhar	Movimentação quadrúpede alternada dos quatro membros.
Correr	Movimentação quadrúpede alternada dos membros de forma rápida. Nem sempre os quatro membros tocam ou estão tocando o chão.
Saltar	Flexão dos membros posteriores e impulso para se deslocar de um ponto a outro.
Escalar	Com as garras protraídas, os quatro membros fazem o indivíduo locomover-se de um nível para outro.
Locomoção estereotipada	Caminhada ou corrida em um padrão repetitivo, sem função aparente.
Parado	Não há deslocamento; possível estado de alerta.
Em pé nos quatro membros	Em pé apoiado nos quatro membros, podendo movimentar outras partes do corpo, como cauda e cabeça.
Em pé nos dois membros	Apoio nos membros posteriores, podendo movimentar outras partes do corpo, como cauda, cabeça ou os demais membros.
Deitado acordado	Uma das laterais do corpo apoiado no solo, membros anteriores cruzados ou não, olhos abertos em alerta.
Deitado dormindo	Uma das laterais do corpo apoiado no solo, olhos fechados e sem expressar qualquer tipo de comportamento.
Sentado acordado	Região posterior encostada ao chão, membros posteriores flexionados, membros anteriores estendidos, olhos abertos e em alerta.
Sentado dormindo	Região posterior encostada ao chão, membros posteriores flexionados, membros anteriores estendidos, olhos fechados e sem exibir qualquer tipo de comportamento.
CONFORTO FÍSICO E/OU FISIOLÓGICO	
Auto higienização	Lambadura em qualquer parte do corpo.
Coçar	Utilizar os membros anteriores ou posteriores para esfregar a pelagem e pele.
Mordiscar	Pequenas e contínuas mordidas na pelagem e pele.
Bocejar	Levantar a cabeça e abrir a boca amplamente, os dentes ficam expostos e os olhos se fecham.
Espreguiçar	Indivíduo alonga ou estira toda ou parte do corpo, podendo estar em pé, deitado ou sentado.
Urinar	Pernas posteriores levemente flexionadas e eliminação em qualquer ponto do ambiente ou caixinha sanitária.
Defecar	Cauda levantada, pernas posteriores levemente flexionadas e eliminação das fezes seguida de contração anal
EXPLORATÓRIO	
Estar atento	Olhar fixo em direção ao estímulo e orelhas eretas
Aproximação	Caminha, corre ou salta em direção a um objeto ou animal

Reflexo de flehmen	Em pé, cabeça levantada, leve abertura da boca, o focinho é levantado e o nariz enrugado-se.
Cheirar	Focinho direcionado para o chão, paredes, grades ou outros objetos, animais ou substâncias eliminadas.
ELIMINAÇÃO/MARCAÇÃO	
Jatos de urina	Cauda voltada para cima e ereta, jatos são lançados em superfícies e logo em seguida a cauda é tremida.
Arranhar superfícies	Prostração das garras dos membros anteriores e arranha superfície em um movimento de frente para trás.
Esfregar partes do corpo	Esfrega a cabeça, bochecha, pescoço e parte lateral do corpo contra uma determinada superfície.
ALIMENTAÇÃO	
Comer	Consumir alimentos sólidos.
Beber	Consumir água.
Carregar comida	Segurar o alimento com a boca e carregar para outro local.
Lamber o alimento	Lambe o alimento, mas não ingere.
Brincar com a comida	Animal pega o alimento com a boca, joga para cima, salta em cima e morde; tende a se repetir várias vezes.
INTERAÇÃO SOCIAL	
Rosnar	Vocalizar com a boca fechada, numa série de sons de longa duração, graves e repetitivos.
Espirrar	O indivíduo vocaliza com a boca aberta, numa série de sons semelhantes ao produzido por um espirro humano, não repetitivo.
Vibrar	Vocalização é feita com a boca fechada, numa série de sons de curta duração, agudos e repetitivos.
Miar	Vocalização é feita com a boca aberta, produzindo um som agudo sem interrupções.
INTERAÇÃO AGONÍSTICA	
Eriçar pelos	Pelos da região da cauda, dorso e pescoço ficam eriçados.
Dar patada	Indivíduo golpeia outro com os membros anteriores.
Morder	Morde objeto ou outro animal.
Perseguir um indivíduo	Corrida curta ou longa atrás de outro indivíduo.
Arquear as costas	Costas são arqueadas, podendo ou não ocorrer salto para o lado, mas sempre em pé com os membros esticados e cauda ereta. Há eriçamento evidente dos pelos do dorso e pescoço, dentes caninos e incisivos à mostra, orelhas abaixadas e cauda em direção ao chão. Pode ocorrer vocalização do tipo “espirro”.

Fonte: Adaptado de Motta e Reis, 2009.

Toda essa análise pode levar em conta apenas um indivíduo ou também uma determinada população, facilitando o diagnóstico do problema que porventura ocorra no abrigo. Com ele é possível também averiguar as causas do porquê um animal se comporta dessa maneira e analisar o efeito da intervenção comportamental proposta para o animal e para o abrigo como um todo.

Por fim, a ficha do etograma (Figura 5) deve conter também a identificação do animal e canil, como na figura abaixo:

Figura 5 – Outros itens que devem conter em uma Ficha do Etograma.

Etograma de Trabalho		
Nome do observador: _____	Espécie: _____	Nome/Nº do animal: _____
Objetivo: _____		
Data: ____/____/____	Horário: _____	Número do canil/local: _____ Nº animais/canil ou local: _____
Descrição do canil/local: _____		

Legendas/sinais/abreviações: <i>(a depender da técnica utilizada)</i>		

Fonte: os autores, 2021.

É importante lembrar que todas as observações e anotações devem sempre ser feitas pela mesma pessoa, devidamente treinada, que deve permanecer sempre no mesmo local. De preferência sem contato visual direto, diminuindo, assim, possíveis erros de análise, já que cada sujeito pode ter uma diferente percepção de uma mesma ação, e os animais podem ser influenciáveis pela presença de um terceiro elemento, fora do comum, na rotina deles e no ambiente.

Capítulo 4 - Como os cães e gatos se comunicam?

Para compreender os animais e suas respectivas emoções, é preciso ser capaz de ler e reconhecer a sua linguagem corporal. Os itens a seguir descrevem as linguagens básicas dos cães e gatos, de modo a auxiliar no melhor entendimento do que eles querem dizer. Antes da aproximação com os animais, é importante entender o seu comportamento, a fim de evitar acidentes. Os animais se comunicam uns com os outros e conosco usando uma linguagem não verbal. Por meio da sua linguagem corporal, eles expressam como estão se sentindo em relação ao ambiente em que se encontram.

É importante avaliar todo o corpo do cão e do gato: olhos, orelhas, boca, cauda, pelos, postura, movimento geral do corpo. É de vital importância considerar o corpo e o contexto, para realmente “ouvir” o que eles estão dizendo. Prestar atenção aos sinais pode ajudar na conexão com o animal e na adaptação às suas necessidades.

1. Linguagem corporal de cães

Expressões Faciais dos Cães:

Olhos

- Olhos mais redondos que o normal quando o animal se sente tenso;
- “Branco dos olhos” (esclera) aparente para demonstrar medo ou agressividade;
- Pupilas dilatadas quando o animal se sente ameaçado.



Fonte: Hasegawa, M.; Ohtani, N. e Ohta, M., 2014.

Boca

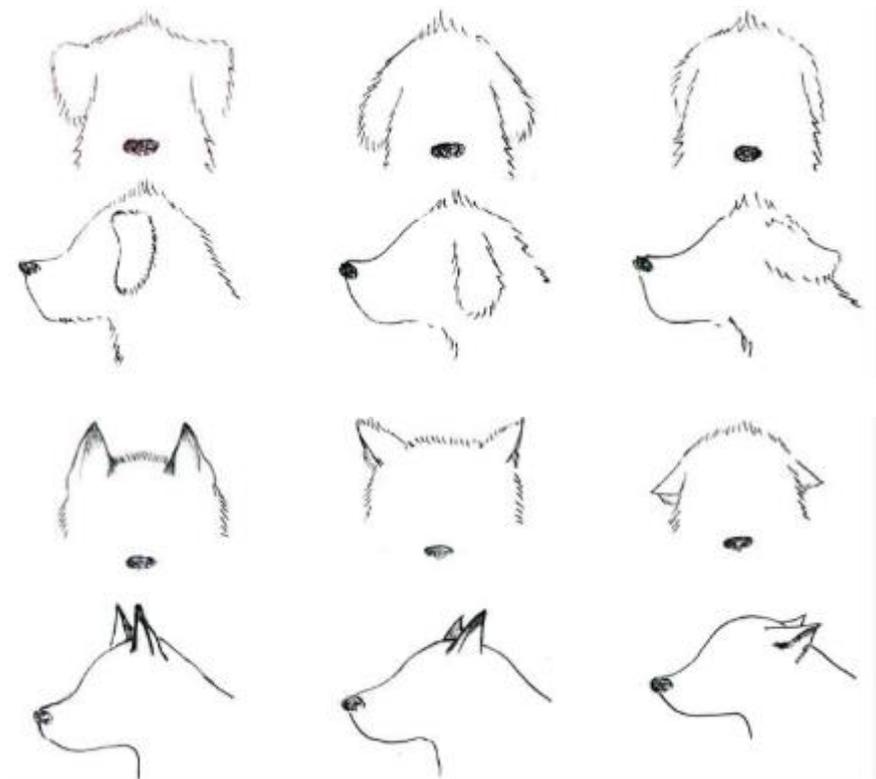
- Um animal relaxado normalmente apresenta a boca entreaberta, não apresentando tensão na face;
- Lábios puxados para trás indicam medo e tensão;
- Focinho enrugado indica agressividade e alerta de ataque;
- Bocejos e lambedura do focinho indicam situações estressantes.



Fonte: Hasegawa, M.; Ohtani, N. e Ohta, M., 2014.

Orelhas

- Relaxado: orelhas levemente postas para trás ou para os lados;
- Incomodado: orelhas apontando para frente e/ou para o objeto de interesse;
- A testa normalmente fica enrugada quando as orelhas apontam para frente.



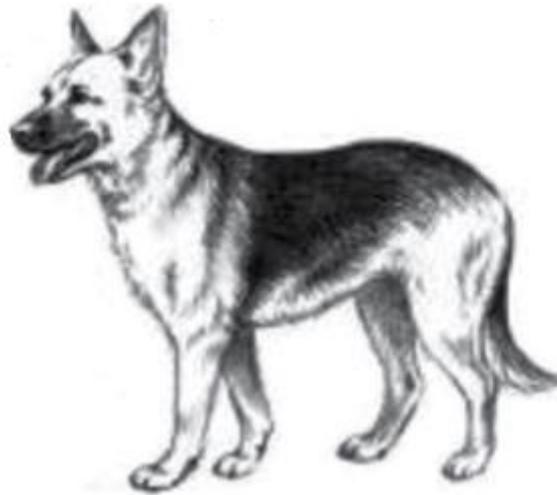
Fonte: Hasegawa, M.; Ohtani, N. e Ohta, M., 2014

Expressões Posturais dos Cães:

Posição relaxada

- Cabeça elevada;
- Orelhas levantadas;
- Boca e cauda relaxados;

- Postura corporal adequada (posição quadrupedal e sem estar em movimentos de extensão e flexão).



Fonte: Weiss, E.; Mohan-Gibbons, H. e Zawistowski, S., 2015.

Posição de alerta

- Peso corporal sobre as patas da frente;
- Cauda levantada;
- Focinho tenso e lábios levantados;
- Orelhas levantadas para frente;
- Olhos abertos e focados.



Fonte: Weiss, E.; Mohan-Gibbons, H. e Zawistowski, S., 2015.

Posição agressiva

Quando afetados negativamente pelos estímulos, os cães podem se tornar agressivos/ofensivos, apresentando as seguintes características:

- Lábios enrolados e dentes à mostra;
- Rosnado;
- Inclina-se para frente;
- Pelos eriçados;
- Cauda rígida e levantada;
- Olhar fixo.



Fonte: Weiss, E.; Mohan-Gibbons, H. e Zawistowski, S., 2015.

Posição defensiva

Quando ameaçados, os cães podem dar sinais de alarme. Assim, podem apresentar:

- Orelhas para trás;
- Pupila dilatada;
- Pelos eriçados;
- Focinho tenso, enrugado e rosmando;
- Dentes expostos;
- Cauda baixa e tensa;
- Peso corporal apoiado nas patas.



Fonte: Weiss, E.; Mohan-Gibbons, H. e Zawistowski, S., 2015.

Posição inclinada

Posição pacífica que demonstra que o animal quer evitar conflitos. Nessas situações, os cães apresentam:

- Olhos semiabertos e piscando;
- Orelhas para trás;
- Boca quase fechada e ponta da língua para fora;
- Patas levantadas;
- Cauda abaixada, com movimentos lentos.



Fonte: Weiss, E.; Mohan-Gibbons, H. e Zawistowski, S., 2015.

Ato de rolar no chão

Rolar no chão é ainda mais pacífico que a posição inclinada. É também usado para evitar conflitos. Nessa situação, os cães podem apresentar:

- Orelhas inclinadas para trás;
- Abdômen exposto para cima;
- Contato visual indireto;

- Cauda dobrada e liberação de gotículas de urina.



Fonte: Weiss, E.; Mohan-Gibbons, H. e Zawistowski, S., 2015.

Comportamento materno agressivo

Algumas mães podem comportar-se assim para corrigir o comportamento dos filhotes. Nesses casos, apresentam as seguintes atitudes:

- Mãe posiciona o focinho ao redor da cabeça ou focinho do filhote, pode rosnar;
- Filhote responde repousado no chão e pode choramingar. Mantém a cauda dobrada e pode levantar as patas.



Fonte: Weiss, E.; Mohan-Gibbons, H. e Zawistowski, S., 2015.

Convite para brincadeira

Quando os cães estão receptivos à brincadeira e interação social, podem apresentar a seguinte postura:

- Cauda levantada e corpo relaxado;
- Orelhas levantadas,

- Olhos calmos (olhos não vidrados e em isocoríase - pupilas nem dilatadas e nem contraídas e com diâmetros iguais);
- Boca aberta, língua para fora, expressão relaxada;
- Corpo abaixado e quadril levantado, pronto para saltar para frente.

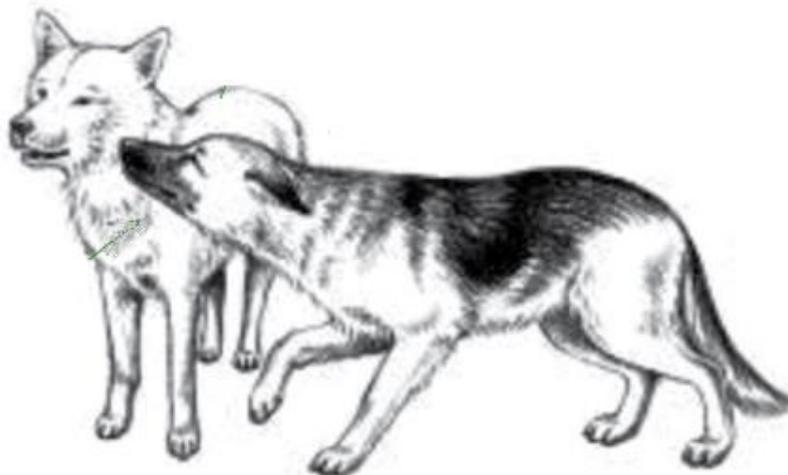


Fonte: Weiss, E.; Mohan-Gibbons, H. e Zawistowski, S., 2015.

Comportamento de cumprimentar

Ao se deparar com outros animais, o cão pode ser respeitoso e apresentar comportamento de não violência. Assim, pode agir da seguinte forma:

- Olhos parcialmente fechados e relaxados;
- Orelhas para trás;
- Cauda abaixada e patas levantadas;
- Contato com a boca do outro animal, podendo lambê-lo.



Fonte: Weiss, E.; Mohan-Gibbons, H. e Zawistowski, S., 2015.

Encontro inicial

Comportamento natural de encontro entre cães, quando se reconhecem por meio de ações próprias da espécie, como, por exemplo:

- Aproximação com as orelhas levantadas;
- Ao ser reconhecido, o cão pode permanecer parado e com as orelhas abaixadas.
- É natural que os animais cheirem uns aos outros.



Fonte: Weiss, E.; Mohan-Gibbons, H. e Zawistowski, S., 2015.

2. Linguagem corporal de gatos

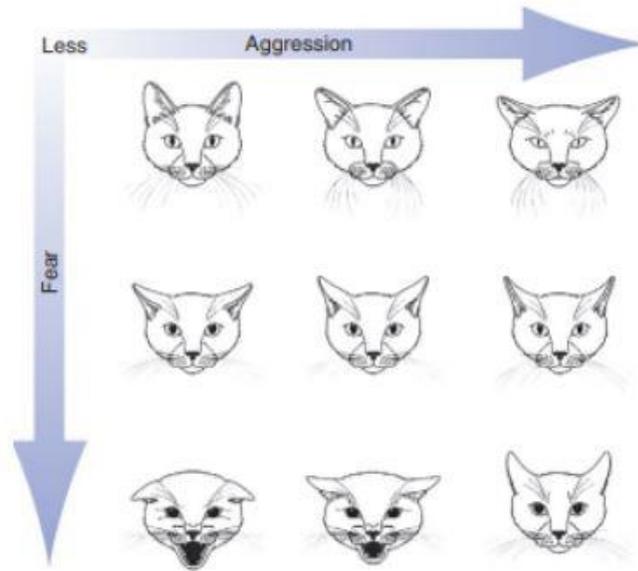
Por meio de sua linguagem corporal, o felino se expressa de acordo com o que está sentindo em relação ao ambiente no qual se encontra e aos demais animais. Os gatos demonstram a linguagem corporal de acordo com o seu estado físico, emocional e com as influências ambientais em que está inserido. Dessa maneira, é possível identificar o status comportamental do gato através de sua postura corporal e alterações faciais, sendo essas manifestações relacionadas à posição das orelhas, contração ou não das pupilas, formato da língua ou expressão do rosto como um todo. Abaixo serão descritos mais detalhadamente as expressões faciais e corporais dos gatos.

Expressões Faciais dos Gatos:

Expressão facial, olhos e orelhas

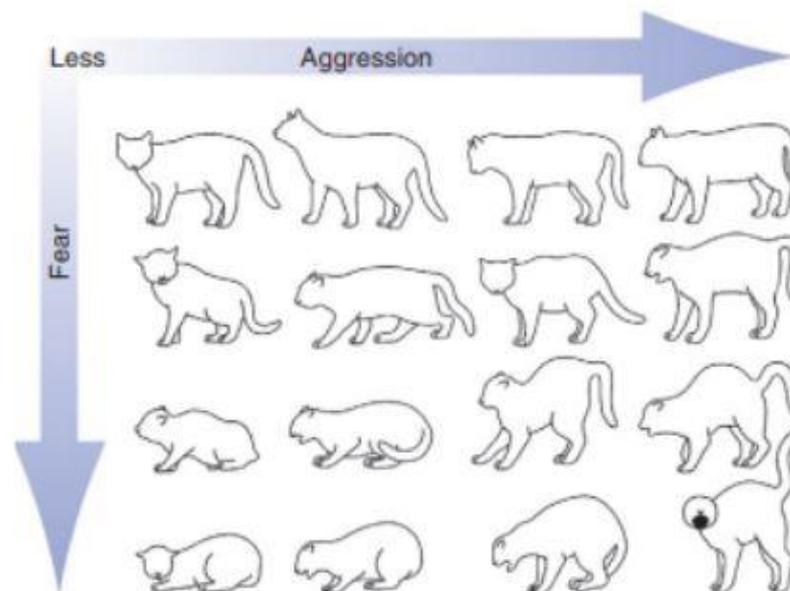
- Relaxado – pupilas estreitas;
- Medo/estresse - pupilas dilatadas;
- Agressivo-defensivo (gato com medo, que evitará o conflito se possível, a tensão se reflete em toda a musculatura da cabeça, as orelhas encontram-se abaixadas para o lado e os olhos podem estar abertos ou semicerrados, em midríase, além da boca, geralmente aberta);

- Agressivo-ofensivo (gato com a pupila estreita (miose), orelhas voltadas para trás e abaixadas, a boca do gato pode estar aberta ou fechada).



Fonte: Adaptado por Bowen e Heat, 2005 de Leyhausen et al.,1979.

Expressões posturais dos gatos



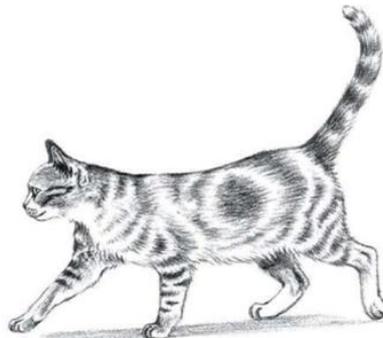
Fonte: Adaptado por Bowen e Heat, 2005 de Leyhausen et al.,1979.

As expressões corporais devem sempre estar situadas em um contexto, levando em consideração o aprendizado do animal, pois existem mímicas que se repetem, tanto em situações de medo, quanto em momentos descontraídos ou divertidos. A figura acima está demonstrando a postura corporal dos gatos em diferentes níveis de expressões, desde um estado relaxado (canto

superior esquerdo) até animais com posturas mais agressivas (conforme as figuras mais à direita) e mais medrosos (conforme as figuras mais abaixo).

Um gato relaxado e seguro

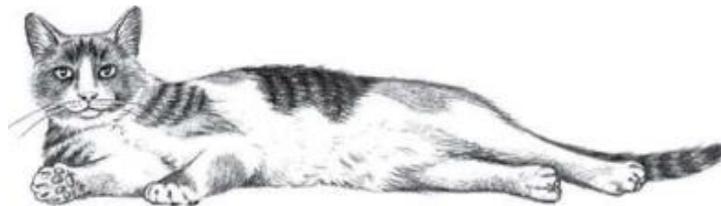
- Marcha relaxada;
- Comportamento de exploração do ambiente;
- Cauda elevada e ereta;
- Orelhas para frente e eretas;
- Pupilas em estado normal (isocóriase - pupilas nem dilatadas, nem contraídas e com diâmetros iguais).



Fonte: Weiss, E.; Mohan-Gibbons, H. e Zawistowski, S., 2015.

Confortável no ambiente

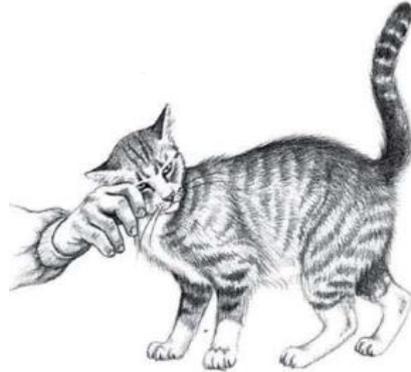
- Apresenta-se deitado lateralmente ou de costas e com a barriga exposta;
- Cabeça erguida;
- Orelhas eretas;
- Pupilas semidilatadas;
- Bigodes relaxados;
- Movimentos de afofar com as patas (movimentos de exposição e retração das garras, fazendo pressão das patas alternadamente e de forma intermitente).



Fonte: Weiss, E.; Mohan-Gibbons, H. e Zawistowski, S., 2015.

Comportamento de aproximação e marcação de território

- Esfregar a cabeça;
- Queixo e boca em uma pessoa ou objeto, além das patas, para liberação de feromônios.



Fonte: Weiss, E.; Mohan-Gibbons, H. e Zawistowski, S., 2015.

Postura Defensiva/Distanciamento Social

- Arqueamento do dorso;
- Balança a cauda;
- Pelos eriçados;
- Pupilas dilatadas;
- Orelhas abaixadas para trás;
- Bigodes voltados para trás.

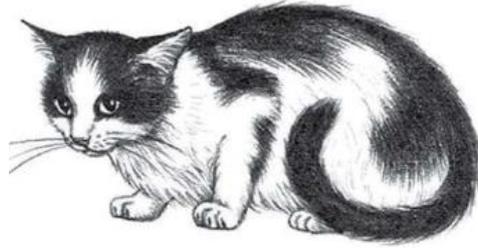


Fonte: Weiss, E.; Mohan-Gibbons, H. e Zawistowski, S., 2015.

Ansioso

- Aspecto de tensão;
- Diminuição da postura (agachamento);
- Cauda mantida perto do corpo;
- Exposição das garras;
- Pupilas dilatadas;

- Orelhas em constante movimentação.



Fonte: Weiss, E.; Mohan-Gibbons, H. e Zawistowski, S., 2015.

Posição ofensiva

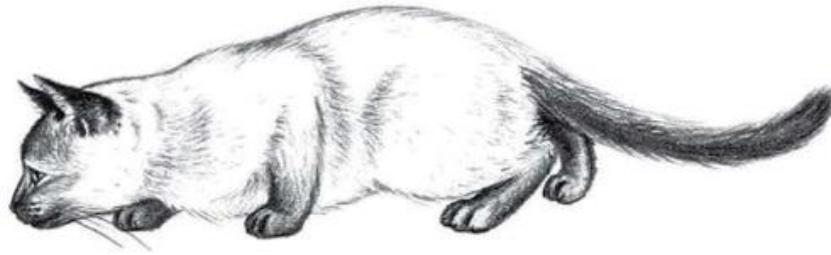
- Orelhas abaixadas e voltadas para trás;
- Cabeça e pescoço voltados contra o corpo;
- Músculo faciais tensos;
- Pupilas dilatadas;
- Exposição dos dentes;
- Exposição das garras;
- Patas em posição de ataque (patas levantadas e flexionadas);
- Contato visual direto;
- Bigodes apontados para o oponente;
- Cauda faz movimentos frente-trás ou fica rígida e estendida caudalmente com a ponta a apontar para o chão.



Fonte: Weiss, E.; Mohan-Gibbons, H. e Zawistowski, S., 2015.

Posição de caça

- Orelhas voltadas para frente;
- Músculos tensos;
- Parte traseira abaixada;
- Alternância de apoio entre as duas patas traseiras.



Fonte: Weiss, E.; Mohan-Gibbons, H. e Zawistowski, S., 2015.

Comportamento de auto-higiene

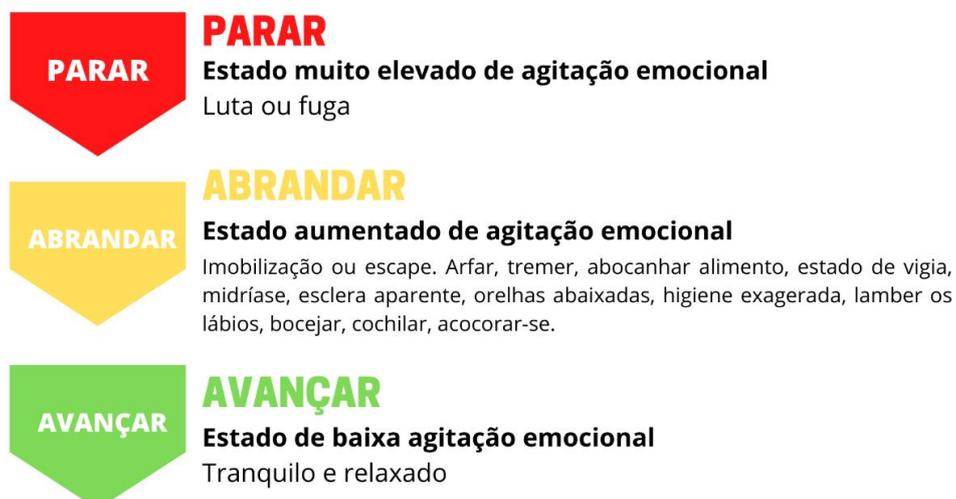
- Lambem todas as partes do corpo.



Fonte: Weiss, E.; Mohan-Gibbons, H. e Zawistowski, S., 2015.

De uma maneira geral, após a compreensão e reconhecimento da linguagem corporal de cães e gatos e suas respectivas emoções, pode ser utilizado um “sistema de luzes de semáforo” (Figura 6) como uma forma de simplificar na avaliação da linguagem corporal e ajudar na decisão de prosseguir ou não com qualquer exame/manejo do cão ou do gato no abrigo.

Figura 6 – Sistema de Luzes para decisão da ação e manejo por meio da avaliação da linguagem corporal dos cães e gatos.



Fonte: Adaptado de Ryan et al., 2019.

Capítulo 5 - Aspectos sensoriais dos cães e gatos de abrigos que podem influenciar no bem-estar animal

1. Aspectos olfativos

Cães e gatos possuem um excelente olfato, especialmente pela presença de um órgão chamado “vomeronasal”, que por ser extremamente irrigado e com muitas terminações nervosas, exacerbam a capacidade de sentir e diferenciar os mais diversos cheiros, inclusive aqueles que humanos não conseguem sentir.

Feromônios – Emoções positivas ou negativas fazem os animais liberarem substâncias específicas que podem ser percebidas pelo olfato a grandes distâncias e por horas, podendo gerar resposta emocional inconsciente em outros animais. Urina e fezes também contêm feromônios que influenciam os animais. O manejo adequado é manusear primeiro os animais calmos e depois os assustados ou agressivos, lavar as mãos e objetos após cada manejo e realizar limpeza e desinfecção adequada dos recintos.

Petiscos - Usar petiscos para ganhar a confiança do animal que será manejado pode ser uma boa alternativa. O estímulo olfatório positivo criará maior confiança entre tratador e animal.

Produtos de limpeza – Produtos de limpeza podem ser irritantes para os animais, além de causar danos à sua saúde. Lembre-se de utilizar produtos na diluição correta, retirar os animais do local na hora da limpeza e enxaguar bem o que for lavado.

No geral, o comportamento de farejar o chão, outros ambientes e animais do abrigo pode indicar qualidade de bem-estar olfativo nos abrigos.

2. Aspectos auditivos

A audição em cães e gatos se mostra extremamente desenvolvida e aguçada. Enquanto os seres humanos escutam uma frequência máxima de 20 kHz, cães e gatos podem escutar os ultrassons, com frequências que chegam a 65 kHz.

Seguindo padrões internacionais baseado em humanos, os níveis de ruídos em abrigos para cães não devem ultrapassar, em situações ideais, 45dB. Entretanto, nos abrigos, com o próprio latido dos cães, esses níveis podem chegar a mais de 100dB. Para os funcionários dos abrigos, quando expostos a mais de 97dB por período superior a 3 horas, é necessário uso de equipamento

protetor. A fim de evitar dBs elevados e garantir maior bem-estar aos animais e àqueles que estão todos os dias na rotina do abrigo, preconiza-se:

- Falar baixo e suave na aproximação e manejo;
- Usar equipamentos com materiais que tenham menos ruídos, como plástico e alumínio;
- Fechar portas com cuidado e fazer manutenção constante para evitar ruídos;
- Estímulos sonoros dentro do canil devem ter baixo ruído. Evite bater portas e grades e não grite;
- Só interagir quando animais estiverem quietos;
- Reforço positivo ao se acalmar;
- Música clássica em horário de recreação ou alimentação. Não ultrapassar 60 dB, e observar se não há impacto negativo. Nunca de forma contínua.

3. Aspectos visuais

Cães possuem uma visão de cores rudimentar, porém conseguem enxergar bem em ambientes pouco luminosos. Possuem excelente visão lateral e são bastante sensíveis a qualquer tipo de movimentação, portanto, indica-se ficar parado ao primeiro contato com o animal, não usar óculos escuros e outros adereços que possam causar estranhamento, como boné, máscara, entre outros.

Regras básicas para manejo dos animais:

- Aproximar-se lentamente;
- Evitar contato visual direto;
- Diminuir tamanho corporal, abaixando ou fazendo abordagem lateral;
- Ferramentas levadas junto ao corpo devem ser escondidas do animal.

Características do ambiente:

- Iluminação artificial não deve cintilar, nem gerar ruído, pois isso gera estresse. Deve haver período de luz e de escuridão (ciclo mais conveniente é de 12 horas de luz e 12 horas de escuridão). No local deve haver incidência solar e espaço sombreado, permitindo ao animal escolher;
- Permitir contato visual com outros cães;
- Possuir área de esconderijo.

4. Aspectos táteis

Cães e gatos possuem diversos receptores táteis em sua superfície corporal, como as vibrissas em região do focinho (“bigodes”), na base dos folículos pilosos e na área do carpo. Esses mecanorreceptores auxiliam o animal na percepção de movimentos e objetos que estão ao seu redor, na percepção ambiental em situação de pouca luz, atuam como proteção contra traumas e podem auxiliar na relação homem-animal, ao passo que as carícias feitas pelo humano podem ser percebidas de maneira positiva ou negativa pelo cão ou gato.

Capítulo 6 – Socialização

Cães e gatos são espécies essencialmente dependentes e requerem cuidados substanciais nos primeiros meses de vida. Este período é marcado por um grande desenvolvimento psicológico e sensorial, que determina os padrões de comportamento que futuramente formarão o animal adulto. Nessa fase, os filhotes são muito tolerantes e absorvem as mais diversas informações que recebem, para no futuro adaptarem seu comportamento conforme as experiências adquiridas. Cada espécie possui fases de adaptação diferentes que, se respeitadas e exploradas, podem auxiliar no desenvolvimento de um animal sem alterações comportamentais significativas, o que facilita a adoção. A boa socialização no período adequado é a melhor forma de se obter um ambiente harmonioso entre cães e gatos que coabitam, e humanos.

Para cães, estes períodos são delimitados em (Figura 6):

1) Período neonatal (do nascimento até 2 semanas de idade): Nesse período o filhote apresenta imaturidade de sistemas fisiológicos básicos e órgãos sensoriais, limitações motoras e perceptivas, e seus comportamentos são, normalmente, reflexos. Filhotes nascem sem visão, audição e coordenação motora, e dependem do tato e do olfato para se orientar. Além disso, são incapazes de autorregular sua temperatura corporal e, por isso, passam a maior parte do tempo dormindo junto com os outros filhotes da ninhada, sempre próximos à mãe. Apesar de passarem a maior parte do tempo prostrados, neste período, os filhotes demonstram comportamento de busca por alimento e apresentam desconforto, em forma de vocalização, se separados do resto da ninhada. Nessa fase é essencial que ocorra uma manipulação delicada a partir do terceiro dia de vida para que o filhote seja menos afetado por situações de estresse.

2) Período transicional (2ª a 3ª semana de idade): Nesse período os filhotes estão mais ativos e passam mais tempo se movimentando. A visão e audição começam a se desenvolver. Os comportamentos da fase neonatal desaparecem, inicia-se um comportamento exploratório, ainda que tímido, e habilidades motoras começam a progredir, como caminhar e balançar a cauda. Este é o momento ideal para apresentar ao cão barulhos, cheiros e objetos normais do cotidiano.

3) Período de socialização primária (3 a 12 semanas de idade): Socialização é descrito como um processo de adoção de “padrões de comportamento apropriados ao ambiente social, o qual o cão irá viver, permitindo sua interação com outros indivíduos”. Esse período é crucial, pois experiências ocorridas nesta fase irão determinar padrões de comportamento na vida adulta. Nessa fase, o

filhote aprende a diferenciar estímulos ambientais benignos e ameaçadores, adquire habilidades comunicativas e de organização social, que são essenciais para a capacidade de adaptação e interação. O sistema nervoso sensorial do animal está sensível e, portanto, é o período em que ele aprende a ser sociável com os animais de sua espécie e de outras espécies, como o ser humano. Nesse período, o animal passa por processos de identificação, reconhecimento, localização e habituação aos diversos estímulos sociais e ambientais, essenciais para que esse filhote seja capaz de se adaptar e interagir com o entorno e outros animais. Recomenda-se que nessa fase se inicie a educação dos filhotes, pois o processo de habituação ajusta os comportamentos desse animal ao ambiente. Se esse período não ocorrer de forma adequada, o animal poderá desenvolver problemas de comportamento, como medo e agressividade. É ainda nessa fase que o cão adquire comportamentos de aproximação e distanciamento, além de balançar de cauda, rosnar e aprender a brincar. Até a quinta semana de desenvolvimento, os cães aceitam melhor a interação com outras espécies, e a partir da oitava semana, demonstram o comportamento de hesitação e medo.

4) Período juvenil (12 semanas até a puberdade): Esse período acontece da décima segunda semana até a puberdade, quando ocorre a maturação sexual. É um período caracterizado principalmente pelo amadurecimento das capacidades motoras e pelo processo de inserção social. Nessa fase, é desejável oferecer a esse animal um ambiente enriquecido, para que ele possa desenvolver melhor sua capacidade cognitiva.

Além dos comportamentos aprendidos no início da vida dos cães, ainda é possível que haja uma flexibilidade comportamental em estágios mais avançados. É possível modular o comportamento de um cão medroso ou agressivo, por exemplo, mesmo na fase adulta. Porém é preciso reconhecer que é mais fácil e maleável trabalhar respeitando as fases de socialização e aprendizado do animal.

As fases de adaptação são semelhantes em cães e gatos, mas ainda possuem algumas diferenças, visto que os gatos apresentam necessidades comportamentais específicas. O comportamento social de um gato está interligado às fases de seu desenvolvimento. São elas:

1) Período neonatal (nascimento até 2 semanas de idade): Caracterizado por momentos de alimentação e sono, sendo o filhote completamente dependente da mãe para sua sobrevivência. Gatos apresentam, essencialmente, o comportamento de mamar até as 2 primeiras semanas de vida e possuem preferência por mamas específicas durante a alimentação.

2) Período transicional (2ª a 3ª semana de idade): Nessa fase se iniciam as respostas aos estímulos visual e auditivo, além dos comportamentos de brincadeira. O filhote passa a ter um pequeno grau de independência, com manifestações de padrões de alimentação e locomoção presentes na fase adulta, além de formas imaturas de comportamento social.

3) Período de socialização primária (3ª a 8ª semana de idade): Como a socialização é o processo pelo qual um indivíduo reconhece os outros da própria espécie como iguais e forma vínculos com as demais espécies, este é considerado o período mais importante da vida do gato. Durante este período formam-se todos os vínculos sociais primários e observa-se um aumento nas brincadeiras. É importante que eles tenham contato com outras espécies, incluindo seres humanos, para garantir que venham a aceitar o contato com elas quando adultos. Até a quarta semana de idade os filhotes começam a se movimentar mais e a urinar e defecar em locais apropriados. O desmame ocorre a partir da quinta semana e nessa fase também se iniciam os comportamentos de caça, estimulados pela mãe. O período final da fase de socialização é geralmente caracterizado por um declínio das brincadeiras sociais e aumento da exploração do ambiente. Após essa fase, é mais difícil habituar um gato com outras espécies, pois frequentemente desenvolvem medo, fobia ou agressividade como resposta. Nesses casos, o estresse social é ainda mais deletério. Da mesma forma, a falta de interação com outros gatos e o contato exclusivo com seres humanos pode dificultar a adaptação a outros gatos na vida adulta, a ponto de gerar dificuldades nas atividades reprodutivas. Maus tratos, nesta fase, podem gerar agressividade, fobias ou timidez excessiva.

4) Período juvenil (8ª até 16ª semana de idade): A fase entre o período de socialização tardia e a maturidade sexual é chamada de juvenil ou adolescência. A duração é variável, de acordo com a raça e o ambiente. Nessa fase, não há mudanças comportamentais marcantes e sim o desenvolvimento gradual de habilidades motoras. Ao atingirem a maturidade sexual, o comportamento dos gatos pode ter alterações, podendo ser observados distúrbios de comportamento consequentes às experiências anteriormente vividas. No entanto, alguns comportamentos que seriam normais para a espécie nessa fase da vida, como os ligados à reprodução e à maternidade, são suprimidos através das cirurgias para gonadectomia (castração).

Compreender a diversidade e os mecanismos subjacentes da fisiologia e comportamento dos animais é fundamental para que os funcionários dos abrigos saibam como manejar e proporcionar as condições adequadas para o bem-estar dos animais.

Figura 6 – Período de Socialização de cães e gatos.



Fonte: Adaptado de Weiss; Mohan-Gibbons; Zawistowski, 2015.

Capítulo 7 - Avaliação e tratamento comportamental

A avaliação do comportamento animal é um dos indicadores para o diagnóstico do nível de bem-estar dos cães e gatos abrigados e para que as suas necessidades comportamentais sejam supridas dentro do abrigo. A principal vantagem da avaliação comportamental consiste no fato de não ser invasiva e poder ser efetuada sem influenciar, necessariamente, o animal e seu respectivo comportamento. Algumas observações simples podem determinar quaisquer modificações na postura, incapacidade para efetuar movimentos normais ou outras alterações fisiológicas. É necessário o conhecimento do comportamento normal de cada animal para poder fazer uma avaliação de bem-estar. Por exemplo, a vocalização pode ser mais preocupante num indivíduo de uma espécie do que de outra.

Para a avaliação comportamental, deve ser levado em conta o temperamento do animal. O temperamento é definido como a resposta do animal a situações novas ou desafiadoras que se estabilizam ao longo do tempo, definindo suas características individuais. O temperamento modula o comportamento do animal e afeta diretamente o grau de estresse na presença de indivíduos da mesma espécie e seres humanos. No entanto, é bem sabido que o temperamento também pode ser modulado por um manejo ambiental que, dependendo da intensidade da interferência, pode resultar em modificações permanentes no comportamento do animal.

Dependendo do temperamento característico do animal, ele terá pouca garantia de resultados positivos nos abrigos, principalmente relacionados à oportunidade de adoção. O temperamento pode refletir nas estatísticas do abrigo, diminuindo ou aumentando os percentuais de adoção ou retorno. A conduta de um animal é muito mais importante como ponto de atenção potencial do adotante do que a aparência física. Assim, entender, identificar e aplicar técnicas para modular o temperamento do animal pode ser a chave para identificar estratégias adequadas para lidar com o problema.

Em ambientes coletivos são fundamentais a atenção e o reconhecimento de manifestações e sintomas da dor, estresse, medo e ansiedade, além das condições ambientais geradoras de estimulação mental deficiente, privação sensorial, isolamento social e falta de exercício físico. Essas condições podem desencadear quadros de estresse permanente que comprometerão a saúde e o bem-estar dos animais, inclusive em curto prazo.

Animais em abrigos podem demonstrar mudanças comportamentais através da redução da atividade normal ou desenvolvimento de comportamentos estereotipados, ou seja,

comportamento anormais repetitivos, sem sentido e obsessivo. Os comportamentos anormais variam entre indivíduos e são decorrentes de aprendizagem ou de disfunções patológicas. Nem todos os animais desenvolvem um distúrbio comportamental, muito menos apresentam o mesmo distúrbio em um mesmo ambiente. Os comportamentos anormais são divididos em ação repetitiva ou outros comportamentos compulsivos.

- **Ação repetitiva:**

Círculos: andar em círculos de forma constante e repetitiva.

Ritmo: marcha repetitiva, andando geralmente encostados em muros e cercas.

Girar: ronda repetitiva e perseguição da própria cauda.

Salto na parede: pular na parede de forma constante, repetidamente.

- **Outros comportamentos compulsivos:**

Automutilação: causada por lambedura excessiva ou mordida, podendo resultar em problemas e lesões dermatológicas.

Compulsões no ambiente: lambedura excessiva do chão e/ou da parede, mastigação de parede, roupas de cama e outros objetos, interrupção da escavação ou escavação excessiva.

1. Problemas comportamentais específicos

Abaixo estão listados alguns dos problemas comportamentais mais comumente encontrados e seus principais sinais clínicos.

Síndrome da hiperatividade e hipersensibilidade - comum em abrigos

- Inquietação;
- Vocalização excessiva;
- Puxar a guia de forma excessiva;
- Brincadeiras excessivas;
- Ausência de inibição da mordida;
- Reação exagerada a novos estímulos.

Fobias

- Medo intenso;
- Tremores;
- Micção emocional;

- Ofego;
- Esvaziamento das glândulas anais;
- Tentativa de fuga;
- Agressividade por irritação;
- Ficar estático;
- Sialorreia (salivação excessiva);
- Vocalização.

Sociopatia

- Comportamento destrutivo;
- Vocalização excessiva;
- Eliminação inapropriada;
- Girar em volta de si mesmo;
- Agressividade (do rosnar até a mordida).

Distúrbio de ansiedade

- Apego excessivo a humanos;
- Vocalização excessiva (latidos, uivos e miados);
- Ofego;
- Agitação e hiperatividade;
- Agressividade;
- Apetite aumentado;
- Pular e chorar para chamar a atenção;
- Automutilação e/ou lambedura compulsiva de alguma parte do corpo;
- Eliminação em locais inapropriados;
- Marcação urinária;
- Destruição de objetos.

Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC)

- Lambedura excessiva de parte do corpo;
- Mordiscar partes do corpo;
- Alopecia psicogênica felina;
- “Mamar” em tecidos/objetos;

- Coprofagia;
- Vocalização excessiva;
- Perseguir a própria sombra;
- Morder moscas imaginárias.

Depressão

- Alteração de apetite;
- Ausência de comportamento exploratório e lúdico;
- Prostração;
- Isolamento.

Agressividade

- Dar patada;
- Encarar;
- Rosnar;
- Dar cabeçada/empurrar com o nariz;
- Morder.

ATENÇÃO

Medo, ansiedade e agressividade podem tanto ser consequência de baixos níveis de bem-estar animal, como podem ser a causa! O monitoramento e a avaliação rotineira do animal é extremamente importante para que a diferenciação seja feita e as atitudes cabíveis sejam tomadas.



Em abrigos, os cuidados apropriados relativos à saúde comportamental são indispensáveis para diminuir o estresse e o sofrimento. Os problemas de comportamento podem, além de prejudicar a saúde e o bem-estar, dificultar a adoção. É importante detectar também problemas comportamentais que possam apresentar riscos de segurança a outros animais e seres humanos. Algumas considerações, portanto, são necessárias em relação à saúde comportamental e ao bem-estar mental.

Sempre que possível, deve-se obter um breve histórico do animal, com dados sobre o resgate e possíveis alterações comportamentais. É sempre importante lembrar que os históricos podem ser incompletos e acidentes posteriores à admissão devem ser registrados no prontuário. Os animais experimentam diversos tipos de adversidades em abrigos e o cuidado deve ser tomado

para minimizar o estresse, a fim de reduzir problemas que possam atrasar ou impedir a adaptação ao novo ambiente.

O comportamento deve ser avaliado a partir do momento da entrada do animal no abrigo e deve continuar ao longo de toda a sua estadia. Os funcionários, portanto, devem ser treinados para reconhecer a linguagem corporal e outros comportamentos indicativos de estresse, dor e sofrimento. Além disso, o estabelecimento de alojamento adequado, a separação por espécie, a presença de uma rotina diária, o enriquecimento ambiental (Capítulo 10) e a socialização (Capítulo 6) são pontos importantes para aumento da qualidade de vida dos alojados.

Os cuidados com o comportamento de cães e gatos abrigados devem levar em consideração uma perspectiva de cada indivíduo, bem como as condições experimentadas por toda a população. A avaliação física e comportamental deve ser feita na entrada do animal, analisando:

- A possibilidade de um histórico sobre o que aconteceu e por que foi abandonado;
- Uma avaliação clínica realizada por um médico-veterinário ou um funcionário capacitado, em que deverão medir a temperatura, avaliar a pele, presença de lesões, feridas, se está mancando ou não apoiando alguma pata, secreções (ocular, nasal, vaginal) e coloração das mucosas (ocular e oral);
- Uma avaliação comportamental realizada por um médico-veterinário ou um funcionário capacitado para identificar a linguagem corporal do animal e em que estado ele se encontra na entrada no abrigo. Essa avaliação deverá ser feita diariamente e, na impossibilidade, fazer semanalmente e registrar na ficha.

As rondas ou visitas médicas devem ser realizadas, pelo menos, uma vez a cada 24 horas por um indivíduo capacitado e treinado, com o objetivo de observar e monitorar visualmente a saúde e o bem-estar de cada animal.

Um dos instrumentos para avaliação comportamental de cães é o Questionário de Avaliação e Pesquisa de Comportamento Canino (C-BARQ – *Canine Behavioral Assessment & Research Questionnaire*). O C-BARQ é um questionário autoaplicável desenvolvido nos Estados Unidos para o diagnóstico e mensuração de problemas comportamentais em cães e pode ser utilizado em diferentes localidades. O C-BARQ pode ser útil na etologia clínica como método de triagem de problemas comportamentais, para o diagnóstico e identificação da terapia mais adequada, e para avaliar a resposta ao tratamento. O questionário foi desenvolvido para permitir descrever como o cão tem



se comportado durante os últimos 3 meses. O questionário em português pode ser acessado por meio do *QR code* acima.

O questionário em língua inglesa é disponibilizado através de uma plataforma na qual é possível inserir as respostas e receber uma avaliação de cada animal. O site para colocar as respostas do questionário e receber a avaliação do animal pode ser acessado por meio do *QR code* ao lado.



2. Educação (treinamento) e modulação comportamental

A avaliação do temperamento deve ser aplicada principalmente para avaliar informações úteis sobre comportamento, como nível de agressão, medo, agitação e socialização. Mas também pode ser vantajoso para identificar padrões específicos e individuais de cães, a fim de aplicar a medida corretiva ou minimizar os problemas comportamentais. Um estudo demonstrou que os cães de abrigo, quando adotados como animais de companhia, apresentavam problemas de comportamento que poderiam ser previstos por testes de temperamento em 74,7% dos casos.

Proporcionar um aumento do contato do animal com o humano de forma positiva pode tornar os animais do abrigo mais atraentes em termos comportamentais para adoção e, ao mesmo tempo, aumentar seu bem-estar. Muitas técnicas para melhorar a sociabilização devem ser aplicadas visando um aumento na taxa de adoção. O adestramento e modulação comportamental têm por objetivo diminuir o retorno de animais recém-adotados aos abrigos, através da atenuação de alterações comportamentais – agressividade, hiperatividade, vocalização, timidez ou medo excessivo.

Educação (treinamento) de cães em abrigos

O treinamento do cão foi o que demonstrou melhores resultados no sentido de proporcionar oportunidades de socialização, reduzir problemas de comportamento e melhorar o vínculo humano. Além disso, pode aumentar o controle do cão sob o ambiente, o que o faz lidar melhor com situações estressantes, preparando-o para a exposição de novos ambientes, como um novo lar.

Para isso, há algumas técnicas efetivas para abrigos:

- **PETISCOS**

Duração: 5 a 10 minutos.

Proposta: Ensinar os cães a sentirem-se mais confiantes e menos medrosos quando pessoas se aproximarem de seus canis.

Passos:

1. Quebrar alguns petiscos em pedaços pequenos;
2. Com os petiscos em mãos, andar através da área do canil;
3. Pare em frente ao primeiro canil e diga algo para o cão em um tom quieto e amigável;
4. Ofereça ao cão um petisco. Se o cão se aproximar para comê-lo em menos de 5 segundos, alimente-o na mão. Se o cão não se aproximar, apenas arremesse o petisco dentro do canil e vá para o próximo cão.

*Se tiver tempo extra, abra a baia ou canil do cão antes de oferecer o petisco.

- **MANUSEIO RÁPIDO DA SUJEIRA**

Duração: 3 segundos.

Proposta: Ensinar os cães a gostarem de ser segurados ou manuseados.

Passos:

1. Quebre alguns petiscos em pedaços pequenos. Traga-os com vocês, junto com seus outros suprimentos, quando for a hora da limpeza;
2. Abra a baia ou canil sujo;
3. Se o cão for pequeno, pegue-o e coloque-o na baia ou canil limpo. Se ele for grande, coloque a coleira e leve-o para uma área de espera;
4. Assim que ele estiver em seu novo local, balance o petisco surpresa e alimente o cão (se ele não pegar o petisco, apenas jogue em frente ao cão e continue);
5. Feche a porta da baia ou do canil;
6. Limpe e desinfete a baia ou canil sujo.

- **ALVO NA MÃO**

Duração: 15 minutos.

Proposta: Reduzir o medo de aproximação, toque e ser segurado (“mãos não devem ser assustadoras - elas antecipam petiscos”).

Passos:

1. Estenda a palma da sua mão em direção ao cão, como se você oferecesse sua mão para cheirar. Mantenha sua mão baixa e longe o suficiente para evitar assustar o cão;
2. Quando o cão olhar para sua mão, diga “Sim!”. A palavra marcará o momento em que ele olhar para sua mão, apontando exatamente o que ele fez para ganhar o petisco;
3. Retraia sua mão e gentilmente lance um petisco para o cão com sua outra mão. Repita até que o cão olhe para sua mão tão quanto você a mostre, diversas vezes em uma sequência;
4. Agora, espere o cão se mover em direção à sua mão. Até mesmo um pequeno movimento conta. No instante em que você ver o movimento, diga “Sim!”, e então arremesse um petisco para ele com sua outra mão, várias vezes em sequência. Dicas: (i) você pode esfregar comida na sua mão para incentivar a curiosidade do cão nas primeiras vezes; (ii) se o cão não comer os petiscos arremessados, teste algo mais apetitoso, ou espere que o cão fique com fome para tentar o truque novamente; (iii) se o cão é muito assustado para se mover na sua direção, ou se ele recua quando você estende a sua mão, ele não está preparado para esse exercício. Apenas arremesse alguns petiscos até que ele pareça estar mais confortável com a sua presença;
5. Agora que o cão se move diretamente para sua mão estendida, espere pelo toque do nariz. No instante em que o cão tocar sua mão com o nariz dele, diga “Sim!”. Então, imediatamente arremesse um petisco com sua outra mão. Repita pelo menos 15 vezes;
6. Quando o cão tocar diretamente sua mão com o nariz dele assim que você a estender, segure sua palma da mão um pouco mais afastada. Faça com que o cão dê um ou dois passos para que toque sua mão. Continue a dizer “Sim!” no instante em que o toque ocorrer, e arremesse um prêmio instantaneamente;
7. Exija mais e mais passos a cada nova sessão de treinamento;
8. Tente estender sua mão em diferentes posições. Após o cão dar vários passos em sua direção, tente posicionar a mão à esquerda do cão, à direita, próximo ao chão, e finalmente, sobre a cabeça do cão (não tente esse último passo até que o cão esteja completamente confortável com o treinamento e pareça gostar do jogo. Se o cão começar a parecer nervoso quando você põe a mão acima de sua cabeça, volte alguns passos até que o cão reconquiste a confiança);
9. Tente o exercício com outras pessoas. Quando o cão atingir sua mão diretamente com o nariz, outros treinadores devem tentar o exercício, começando pelos passos 4 ou 5.

- **AJUDAR CÃES MEDROSOS NA SOCIALIZAÇÃO**

Duração: 15 a 30 minutos.

Proposta: Ajudar cães medrosos a sentirem-se mais confortáveis ao redor de pessoas.

Passos:

1. Se necessário, limpe e desinfete o chão. Posicione equipamentos no canil para marcar a limpeza. Quebre alguns petiscos em pequenos pedaços e coloque-os em seu bolso. Pegue alguns brinquedos e posicione-os ao redor do canil. Finalmente, peça para outro colega lhe ajudar com a sessão;
2. Para auxiliar na atividade, escolha outro cão que seja confiante, amigável e sem medo (será seu “cão ajudante”);
3. Se os cães não tiverem se encontrado antes, faça uma introdução rápida, ambos com coleira;
 - Mantenha as coleiras frouxas durante o encontro;
 - Se os cães não se derem bem, escolha outro cão-ajudante ou troque para outro exercício;
 - Se os cães parecerem gostar um do outro, deixe o exercício começar! Idealmente ambos os treinadores devem permanecer no canil para supervisionar a sessão. Se os cães forem pequenos, apenas uma pessoa pode supervisionar sozinha, permanecendo sentado no chão, no meio do canil enquanto durar a sessão;
 - Interaja amigavelmente com o cão ajudante. Brinque com brinquedos, faça carinho nele, e alimente-o com pequenos petiscos;
 - De vez em quando, arremesse um petisco para o cão assustado. Ou então, ignore-o completamente. Se fazer de “difícil” é a estratégia mais efetiva quando se trabalha com animais assustados. Se o cão se aproximar, você pode deixá-lo te cheirar e alimentá-lo com alguns petiscos, mas não olhe para ele ou tente tocá-lo;
4. Termine a sessão após 10 a 15 minutos. Faça seu melhor para remover o cão medroso da forma menos estressante possível;
5. Após diversas sessões, você pode começar a interagir com o cão medroso quando ele se aproximar de você – Mas espere até você sentir que ele está realmente ‘pedindo’ sua atenção (procure por sinais como dar a pata, latido solícito, linguagem corporal relaxada, e contato físico inicial através da esfregação contra seu corpo, murmúrio alegre ou escalando em seu colo). Vá devagar e se afaste imediatamente se ele parecer com medo. NUNCA force contato. Tente engajar o cão em uma brincadeira com brinquedo. Se o cão parecer tentado, mas com muito medo de se aproximar, coloque-o longe de você, a princípio. Eventualmente,

você pode gentilmente acariciá-lo, a não ser que seu toque o deixe recuado. Se você está inseguro quanto ao que o cão está sentindo, pare de tocá-lo e veja o que ele faz. Se ele se mover em sua direção ou permanecer perto, toque-o novamente. Se ele se mover para longe, ofereça petiscos ou então brinquedos.

Educação (treinamento) de gatos em abrigos

O treinamento de gatos em abrigos pode ser útil na redução do estresse em situações assustadoras, dolorosas ou que requerem contenção. Ele é feito através da dessensibilização e do contra condicionamento. Quando se fala em abrigos, é interessante que os gatos sejam condicionados para entrarem na caixa de transporte, serem pesados, receberem injeções, receberem medicação oral e deixarem as unhas serem cortadas. Abaixo será retratado como manejar e treinar gatos para entrarem na caixa de transporte e cortar as unhas.

- **TREINANDO O GATO PARA ENTRAR NA CAIXA DE TRANSPORTE**

Treinar um gato para entrar prontamente em uma caixa de transporte é um comportamento muito útil no abrigo e em casa. Usando métodos de treinamento de captura, atração e modelagem e técnicas de modificação de comportamento de dessensibilização sistemática e contracondicionamento, isso pode ser realizado.

Como a maioria dos gatos não entrará prontamente na caixa de transporte, você precisará usar uma isca e começar pela modelagem:

1. Jogue petiscos próximo à caixinha, primeiro perto da abertura da porta e depois progressivamente mais para dentro, até que o gato entre completamente na caixinha.
2. Depois de treinar o gato para entrar na caixa de transporte, você precisará contracondicioná-lo para que goste de ficar dentro dela por um período, marcando e reforçando o comportamento calmo dentro da caixa, aumentando a duração de cada sessão.
3. Assim que o gato estiver confortável dentro do transporte, você precisará adicionar a sensação de estar sendo carregado. Isso também é realizado lenta e sistematicamente, movendo o gato por uma curta distância e depois reforçando, aumentando a distância percorrida a cada sessão antes que o reforço seja obtido.

- **TREINANDO O GATO PARA CORTAR AS UNHAS**

Para condicionar um gato a tolerar que as unhas sejam aparadas é necessário encontrar o reforço mais recompensador para eles (petiscos, sachês ou alguma comida mais palatável).

1. Você deve começar oferecendo a recompensa ao mesmo tempo em que combina com o tocar o animal em várias partes do corpo, mas não começando pelos pés.
2. Ao longo de muitas sessões curtas e com o gato já habituado a ser tocado, você passa a mover o seu toque para a região dos pés.
3. Uma vez que um pé tocado provoca uma reação positiva porque foi associado com o reforço positivo, você passa a segurar o pé. Em seguida, introduza o cortador de unhas, sendo que, a princípio, se segura apenas o cortador em uma das mãos enquanto o pé com a outra.
4. As sessões de modificação de comportamento devem ser curtas (não mais do que 5 minutos) e devem ser feitos esforços para encerrar a sessão em um momento de positividade para o gato. Se você o forçar demais e obter uma resposta negativa, deve voltar ao nível de intensidade do estímulo que gerou uma resposta positiva antes de encerrar a sessão.

Nas tabelas abaixo são listadas algumas motivações que podem ser usadas no treinamento dos gatos, como reforços positivos (Tabela 3) e alguns truques que gatos podem ser treinados a realizar (Tabela 4).

Tabela 3 - Motivações de treinamento.

Comida	Jogos	Interação Social
<ul style="list-style-type: none"> • Atum enlatado sem óleo, frango cozido ou sachê para gato; • Comida para bebê; • Sardinha sem óleo; • Linguiça de fígado cozido; • Petiscos comerciais para gatos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Brincar com penas; • Brincar com varinha; • Brincar com bola; • Luz de laser. 	<ul style="list-style-type: none"> • Carinho; • Coçar; • Escovar; • Evitar brincadeiras frustrantes.

Fonte: Reid; Collins, 2015.

Tabela 4 - Truques que gatos podem ser treinados a realizar.

Sentar	Girar
Deitar	Sentar e acenar
Aperto de mão	Ir para o tapete
“Toca aqui” – dar a pata	Pular em algo
Acenar	Pular de um lugar para outro
Rolar	Correr por um túnel

Fonte: Reid; Collins, 2015.

Capítulo 8 – Educação e adestramento pré-adoção

A mudança comportamental através do adestramento com reforços positivos pode facilitar a adoção de cães e gatos, uma vez que os candidatos a adotantes preferem os animais que demonstram serem alegres, calmos, equilibrados e dóceis. Além disso, o contato prévio dos animais com as pessoas é extremamente benéfico, melhora sua saúde mental e os tornam mais sociáveis, facilitando sua permanência em seu novo lar no pós-adoção.

O objetivo, nesse caso, é adestrar os animais com "comandos" básicos, a fim de aumentar a sua chance de adoção, e não realizar adestramento para tratar comportamentos anormais consequentes de um estado emocional negativo. Nem sempre os cães respondem igualmente a um treino, portanto, não há uma regra fixa para o adestramento, sendo necessário o auxílio de profissionais especializados. Mas os funcionários do abrigo e voluntários podem ser treinados e capacitados por esses profissionais para ensinarem os comandos básicos, principalmente os de "sentar", "ficar" e "andar junto".

O adestramento deve ser um treinamento constante do animal, podendo demorar de dias a meses para ele aprender determinado comando. Para facilitar seu aprendizado, indica-se o uso de recompensas durante o treino, o chamado reforçador positivo: atenção e carinho por parte do tutor, frases positivas e petiscos. Os petiscos, por sua vez, devem ser pequenos, a ponto de serem engolidos rapidamente, para que não seja necessário parar a atividade para que ele mastigue.

Segundo Rossi (2002), dentre os comandos básicos mais utilizados que podem ajudar um animal na melhor adaptação ao novo lar e família, estão:

- **“Exercício de junto”**: Aqui o objetivo é fazer com que o cão ande sempre lado a lado com o tutor, de modo a evitar corridas e puxões. O treinador deverá conduzir o cão pela coleira/peitoral, deixando a guia sempre frouxa. Enquanto o animal estiver andando lado-a-lado com o treinador, recompensas deverão ser dadas ao mesmo tempo em que o comando “JUNTO!” é dito. Quando o animal puxar, deve-se parar de andar e, mesmo que o cachorro force, ficar parado e esperar ele voltar até o ponto que a guia fique novamente frouxa. Comece a espaçar mais as recompensas e nunca deixe óbvio para o cão quando ele receberá a recompensa. O comando “JUNTO!” só deve ser utilizado quando o animal estiver na posição correta. Se ele correr, puxe ou se distancie e não dê o comando, para evitar criar uma relação punitiva com a palavra.

- **“Exercício de senta”**: Aqui o treinador deverá ser firme ao chamar o cão pelo nome e, em seguida, parar diante dele para ensiná-lo o truque. O treinador deve pegar o petisco, segurar na palma da mão, mostrar e deixar o animal cheirar. Em seguida recomenda-se que o petisco seja movido para trás da cabeça do animal, permitindo que ele siga o petisco e acompanhe o movimento, até ele sentar. Nesse exato momento, o petisco deve ser dado ao animal, antes que ele se mova e se distraia. Caso o animal não sente, se mova ou pule, o processo deve ser repetido. Com a evolução, quando o animal já estiver sentando toda vez que recompensa for erguida, deve-se começar a relacionar o comando oral ao ato de sentar. O treinador deve falar firmemente “SENTE!”, esperar alguns segundos, fazer o sinal com a mão e, quando o animal sentar, dar o petisco o mais rápido possível. Repetir em sequência diversas vezes. Aos poucos não será necessário erguer a recompensa, somente o comando será suficiente.
- **“Exercício de dar a pata”**: Para começar esse exercício, é interessante que o animal já tenha, ao menos, aprendido o comando de sentar, o que facilitará bastante o processo. Após o treinador passar o comando de “SENTA!”, deve-se esconder o petisco na mão, deixar o animal cheirar e, em seguida, estimular ele a esticar o membro. Quando ele bater com a pata na mão deve-se falar imediatamente e firmemente “DÁ A PATA!” e em seguida dar o petisco ao cão e agraciá-lo.
- **“Exercício de deitar”**: Essa é uma das tarefas mais difíceis dos cães assimilarem e requer muita paciência por parte do treinador, porém é facilitado se o animal já foi ensinado a sentar. Deve-se segurar um petisco com a mão toda fechada e levar para o cão cheirar. Essa mesma mão, ainda com o petisco dentro, deverá ser levada até o chão entre as patas dianteiras do cachorro, fazendo-o seguir o movimento. Assim que o animal deitar, dar o petisco imediatamente. Caso ele saia com o corpo da posição sentada para seguir sua mão, pare e recomece da posição sentada. Repetir diversas vezes. Espere cada vez mais para recompensá-lo para que ele fique por mais tempo na posição deitada. Após esse processo, o comando verbal pode ser introduzido. No momento que a cabeça dele encostar-se ao chão, deve-se falar firme “DEITA!” e oferecer o petisco.
- **“Exercício de ficar”**: Para esse exercício, o comando verbal e o sinal devem ser ensinados simultaneamente. Deve-se dar o comando “SENTA!” ou “DEITA!” e, em seguida, recompensar o animal. O tempo de permanência do animal nas posições citadas devem ser aumentadas gradativamente, por exemplo, começar esperando 1s e aumentar até chegar em pelo menos 10s de espera entre o comando e a recompensa. Caso ele esteja saindo da

posição antes de você liberá-lo, o período está grande demais, importante que não haja a recompensa. A partir do momento que o cão começa a permanecer em seu lugar pode-se começar a dar pequenos passos para trás e introduzir o comando de “FICA!”, recompensando-o após o período desejado. Se durante o treinamento o animal começar a seguir seu treinador, deve-se voltar ao ponto inicial e repetir todo o processo. Lembre-se de liberá-lo toda vez que ele cumprir o período estipulado para que ele “fique”.

No início das atividades deve-se recompensar o animal toda vez que o comportamento desejado for realizado, o chamado reforço contínuo. Entretanto, pode ser feita a retirada gradual do petisco conforme o animal já tenha aprendido o exercício ou podem ser intercalados outros tipos de recompensa. Importante que ocorra o treinamento de uma atividade por vez, de modo a facilitar a assimilação por parte do animal, além de, durante todo o processo, o treinador ser o mesmo.

Capítulo 9 - Principais problemas que causam baixos níveis de bem-estar animal para cães e gatos em abrigos

O comportamento é, frequentemente, a expressão das experiências mentais de um animal e também pode revelar problemas precoces de saúde. As respostas comportamentais a desafios também podem ser realizadas a curto ou em longo prazo. As respostas a curto prazo podem corresponder a alterações na postura ou à fuga, enquanto as respostas a longo prazo podem incluir o desenvolvimento de comportamentos estereotipados e a diminuição dos comportamentos considerados normais.

Principais problemas em cães

Problemas comportamentais, incluindo agressão, são uma das razões pelas quais os cães são abandonados por seus tutores e admitidos em abrigos.

Os comportamentos mais frequentes em animais de abrigos incluem:

- Medo;
- Agressividade;
- Ansiedade.

As situações mais frequentes que causam esses comportamentos são:

- Confinamento;
- Falta de interação social com animais e pessoas;
- Exercícios físicos limitados;
- Estímulos excessivos (barulho, cheiros, luminosidade);
- Falta de socialização;
- Experiências anteriores negativas;
- Falta de rotina no abrigo;
- Alta densidade de animais;
- Animais dominantes em canis;
- Atitudes dos funcionários no momento da limpeza e alimentação.

Medo, ansiedade e frustração aumentam o nível de excitação e agressividade dos animais. Muitos desses comportamentos são demonstrados após a adoção e são mal aceitos pelas pessoas, sendo uma das principais razões de retorno do animal ao abrigo. O confinamento é um fator extremamente estressante aos animais e pode desencadear os comportamentos menos comuns

citados. Cada indivíduo reagirá de uma forma diferente durante o estresse, e cada cão deve ser monitorado cuidadosamente. Alguns cães podem reagir de forma mais reservada, como:

- Imobilizar-se/congelar;
- Calar-se;
- Falta de interesse no ambiente em que está inserido;
- Permanecer parado ou com diminuição do apetite;
- Esconder-se.

Outros cães podem, entretanto, reagir de forma mais energética e demonstrar as seguintes atitudes:

- Tornar-se agressivo;
- Manifestar comportamentos de escape, como sacudir a pelagem como se estivesse molhado, ou coçar-se.

É importante conhecer o comportamento normal ou característico para cada cão de forma individual e verificar se existe alguma alteração. O medo e o estresse são, geralmente, manifestados na forma de modificações na postura corporal, nos níveis de atividade e em comportamentos que visem evitar o perigo percebido. Caso um animal considere que um fator específico constitui uma fonte de estresse, terá tendência a evitá-lo no futuro, caso tenha possibilidade de fazê-lo. Embora cada animal apresente a sua resposta individual ao estresse, os animais de companhia podem apresentar quatro padrões gerais de comportamento:

1. Fuga – um cão ou um gato assustado tentará, frequentemente, escapar de uma situação através da fuga. Esse comportamento pode ser óbvio, através da saída súbita do ambiente atual, ou mais sutil, mediante a deslocação para trás do tutor ou para debaixo de uma mesa.

2. Luta – um erro frequente é o conceito de que um cão ou gato agressivo não é um animal assustado. A agressividade constitui, meramente, uma das formas como o cão ou gato pode manifestar medo. É importante recordar que um animal que rosna, ladra, bufa ou sopra, está, provavelmente, num estado de medo ou de ansiedade.

3. Imobilização – cães e gatos podem permanecer muito quietos ou moverem-se em câmara lenta. Esse tipo de comportamento não é raro de ser observado e pode ser interpretado, erradamente, como um animal cooperante ou bem-comportado, quando, na realidade, está aterrorizado e imobilizado, aceitando o exame ou a manipulação.

4. Deambular – é considerado um comportamento de substituição ou de conflito. Constitui uma das reações do medo ou ansiedade mais frequentes nos cães e gatos e inclui comportamentos como: lambe os lábios não estando com fome, bocejar na ausência de cansaço, coçar na ausência de prurido, perscrutar a sala com o olhar e sacudir a pelagem como se estivesse molhada. Essas ações são inadequadas e descontextualizadas da situação do animal. São equivalentes a uma pessoa que rói as unhas quando está nervosa ou ri numa situação inapropriada.

Esses sinais são muito semelhantes e, na verdade, sobrepõe-se a sinais de dor. Por isso, é importante reconhecê-los, uma vez que tanto o manejo quanto os regimes de tratamento indicados para esses indícios comportamentais diferem, podendo também afetar os resultados a longo prazo relacionados com ansiedade e pânico.

Manejo de problemas comportamentais em abrigos

A maioria dos problemas de comportamento podem ser tratados, e esses tratamentos, como para quaisquer doenças, exigem um diagnóstico preciso e devem ser adequados para cada problema. Fazem parte do repertório terapêutico:

- Técnicas de modificação comportamental, como a dessensibilização e o contra condicionamento;
- Técnicas de enriquecimento ambiental;
- Uso de medicamentos de apoio, como antidepressivos e ansiolíticos, por exemplo.

O ambiente físico e social, bem como as oportunidades para o desenvolvimento de atividades cognitivas e físicas são importantes para todas as espécies de animais. Em ambientes com excesso de animais, falta de controle ambiental e restrição comportamental, tais como alguns abrigos, o ambiente físico e social ao qual o animal é exposto pode gerar estresse intenso, o que pode ser facilmente observado. O estresse oriundo do ambiente social pode gerar marcação territorial, agressividade ou reclusão, causando ainda o comportamento agonístico normal, tipicamente ritualizado em gatos, podendo evoluir para a agressão.

Um ambiente apropriado inclui uma área confortável para descanso, onde os animais são livres de medo e estresse, e têm a capacidade de expressar o seu comportamento natural, específico da sua espécie. A falta desse elemento é um dos mais importantes estressores para os animais. O estresse induzido pelo confinamento em curto prazo pode comprometer a saúde do animal, mas, por sua vez, o estresse em longo prazo pode levar à ansiedade crônica, isolamento social, estímulos mentais inadequados e falta de atividade física. Prover a saúde comportamental

dos animais abrigados é essencial para reduzir o seu estresse e o sofrimento, bem como identificar problemas que podem colocar em risco os seres humanos e outros animais.

Agressividade em cães

O cão pode apresentar diversas reações diante das situações do seu dia a dia. Com o processo de domesticação, ele perdeu alguns de seus hábitos naturais, mas mantém seus instintos ainda guardados como fator de sobrevivência. Quando um cão manifesta comportamento de agressividade, sinaliza sua condição de insatisfação ou descontentamento por meio de uma série de sinais. Se houver falta de percepção ou incorreta interpretação desses sinais, a agressão pode se concretizar. É necessário entender quando ou em quais situações o cão é agressivo e quando esse comportamento não é aceitável, principalmente quando é direcionado ao humano. Para abordar a agressividade, deve-se avaliar individualmente cada caso.

A agressividade é um comportamento social normal presente nos cães, decorrentes de processos dinâmicos e sempre de maneira contextualizada. Dentro desse raciocínio, podem ser observados diferentes tipos de agressividade: ofensiva ou defensiva (modulada pelas emoções) e predatória (modulada pelo instinto). No sentido operativo, esses comportamentos devem ser avaliados com base no contexto (dentro ou fora do canil/casa), no alvo da agressão (pessoas ou animais) e na sequência do comportamento agressivo (linguagem corporal/tipo de agressão). Além disso, é preciso avaliar clinicamente os animais para descartar causas orgânicas, como dor, alteração neurossensorial, doença endócrina e metabólica. Cães agressivos representam um desafio significativo, tanto na dificuldade de gerenciá-los no ambiente de abrigo, quanto porque eles exigem atenção especial na garantia que os adotantes estarão dispostos a aceitar a responsabilidade.

O comportamento agressivo é natural para espécies que possuem, em seus descendentes, animais com hábitos de caça e hierarquia. Tal comportamento pode ser aprendido, pontual em resposta a uma situação aversiva, ter componentes genéticos que influenciam, ou se tornar frequente e generalizado. A agressividade pode ser possessiva, territorial, por medo, por dor, por traumas, em resposta a punições, induzida por brincadeiras, por carinho ou aprendida. Independentemente do tipo e da gravidade dessa conduta, ela deve ser diagnosticada e tratada. Cães e gatos normais, vivendo em um ambiente equilibrado e harmonioso, conseguem demonstrar seus descontentamentos com expressões amigáveis e calmas, sem precisarem agredir outro indivíduo para dizer o que querem. Todos os animais, independente de raça e idade, têm essa habilidade de comunicação pacífica ou podem aprender a desenvolvê-la.

Comportamentos de cães agressivos:

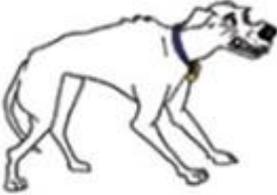
- Dar patadas;
- Encarar;
- Rosnar;
- Sibilar;
- Gritar;
- Dar cabeçadas ou empurrar com o nariz;
- Bloquear acesso ou passagem com o corpo;
- Morder.

Leitura comportamental dos cães com medo:

1 - medo	Sinais de medo, associado a postura curvada, se escondendo ou mantendo distância do avaliador, orelhas para trás, evitando contato visual, cauda entre as pernas	
----------	--	--

Fonte: Protocolo Shelter Quality, 2014.

Leitura comportamental dos cães com agressividade:

2 – agressivo defensivo	Sinal de agressividade por medo, corpo diminuído, peso sobre as patas traseiras, cauda tensa e entre as pernas, orelhas para trás, pupilas dilatadas, músculos tensos, focinho elevado e mostrando os dentes.	
3 – agressivo ofensivo	Sinais de agressão, peso apoiado nas patas dianteiras, cauda rígida e ereta, dentes a mostra, olhar fixado	

Fonte: Protocolo Shelter Quality, 2014.

Manejo do estresse em abrigos para cães

O estresse e o desenvolvimento de comportamentos considerados incomuns nos cães são exacerbados quando as oportunidades para lidar com eles (por exemplo, ter companhia no

canil, estímulo mental e exercícios) estão ausentes. Alterações comportamentais comprometem a saúde, o bem-estar e a adoção dos animais. Portanto, algumas ações podem ser tomadas para diminuir as situações de estresse:

1. Minimizar os elementos estressores durante a limpeza e alimentação. Ruídos, gritos, molhar os animais ou afugentá-los com a água, por exemplo;
2. Funcionários devem ser treinados para reconhecerem a linguagem corporal e outros comportamentos que indicam estresse, dor e sofrimento, e que podem indicar o sucesso ou não na adaptação no abrigo;
3. Por razões humanitárias, deve se evitar abrigar animais ferais;
4. As adoções devem ter um acompanhamento, inclusive com avaliação comportamental;
5. Gatos devem ser abrigados longe dos cães, sem contato visual nem acústico;
6. Animais muito estressados devem ser abrigados em locais mais silenciosos, pelo menos no início;
7. Os animais devem seguir a rotina estabelecida, pois a falta de rotina ou horários para limpeza e alimentação podem causar ainda mais estresse;
8. Ter interação humano-animal, brincadeiras, além das atividades de limpeza e alimentação;
9. A iluminação deve acompanhar o horário do dia, não ter somente escuro ou somente claro, caso o ambiente seja fechado.

Principais problemas em gatos

Compreender e avaliar o comportamento de gatos em abrigos é importante, considerando a futura adoção deste animal. Reconhecer que existem situações que geram estresse, medo e desconforto é fundamental para evitar que elas ocorram. Além disso, é muito importante saber diferenciar os tipos de comportamento dos gatos, distinguindo se é um animal “feral” não socializado ou um animal medroso. Os principais transtornos comportamentais de gatos em abrigos são derivados de situações estressantes e/ou de transtornos de agressividade (Miller, 2013).

Estresse: É a perturbação da homeostase fisiológica e bem-estar psicológico de um indivíduo. O estresse pode ser positivo ou negativo, agudo ou crônico.

Estresse negativo: Ocorre quando o gato é submetido a uma situação nova ou desconhecida. Uma circunstância estressante negativa ocorre quando o animal não consegue resolver a situação e retornar ao ponto original de homeostase.

Estresse positivo: Está relacionado à excitação que o animal demonstra ao observar um brinquedo em movimento, por exemplo.

Em geral, nas situações estressantes, o animal buscará o mecanismo de “luta ou fuga” para reagir aos estímulos. Nesse mecanismo, a dilatação das pupilas e a aceleração dos batimentos cardíacos são os sinais mais comuns de serem observados.

Se o gato não for capaz de contornar uma situação estressante, haverá liberação contínua de hormônios de estresse, o que poderá levar à queda na imunidade do animal. E se esse estímulo negativo for contínuo, haverá uma redução significativa do bem-estar do animal, ocasionando o estresse crônico, também conhecido como distresse.

Nos gatos, foram identificados dois tipos principais de reações a situações de estresse:

1. Respondedores ativos

- Permanência frequente na porta do alojamento;
- Lançar as patas a qualquer pessoa que passe na frente do alojamento;
- Deambular;
- Vocalização para chamar atenção;
- Seguir o tutor em casa;
- Manifestação de comportamento agressivo;
- Potenciais comportamentos destrutivos (lambadura excessiva, arrancamento de pelos, destruição do ambiente, por exemplo).

2. Respondedores passivos

- Inibição do comportamento de manutenção como alimentação e higiene;
- Imobilização, tentando frequentemente se esconder;
- Não vocalizam, mas podem soprar ou rosnar quando abordados;
- Falta de interesse no ambiente circundante.

A provisão de fontes adicionais de enriquecimento estimulantes, como brinquedos e comedouros interativos, podem amenizar os respondedores ativos. Os respondedores passivos podem ser melhorados através de um enriquecimento que envolva maior sensação de segurança, como esconderijos e prateleiras para escalada.

Agressividade em gatos

Quando um gato se depara com uma situação de “luta ou fuga”, muitas vezes opta pela “luta”, demonstrando agressividade. Algumas situações são muito comuns e podem ser identificadas como:

- **Agressividade em brincadeiras:** brincadeiras de filhotes muitas vezes envolvem comportamentos agressivos de perseguição, caça, predação e mordedura. Brincadeiras agressivas podem ser corrigidas direcionando os filhotes para brinquedos ou ignorando-os.
- **Agressividade por comportamento territorialista:** gatos demarcam território com comportamentos de eliminação, arranhadura e fricção. Atitudes territorialistas e a dominância social estão intimamente relacionados. Cada gato escolherá um local de marcação de território e cabe aos outros respeitarem a hierarquia ou não.
- **Agressividade entre machos:** machos inteiros tendem a brigar, especialmente na presença de fêmeas no cio, mesmo que as gatas apresentem comportamento de cruza com mais de um gato em cada ambiente, e vice-versa.
- **Agressividade materna:** é comum que gatas com filhotes apresentem comportamento agressivo para proteger sua cria. Isso varia de acordo com a socialização da mãe, que pode permitir que membros específicos da família se aproximem ou não de seus filhotes. Tudo ocorre pela variação hormonal ocasionada pelo fim da gestação.
- **Agressividade por predação:** o sistema sensorial dos gatos é altamente desenvolvido para identificar, perseguir e capturar pequenas presas. Seu comportamento predatório é dependente dos padrões ensinados pela mãe durante o período de socialização.
- **Agressividade redirecionada:** normalmente é repentina, inesperada e direcionada a pessoas, outros gatos da casa ou outros animais de estimação. Acontece quando o gato demonstra altos níveis de estresse por um estímulo que é incapaz de atacar diretamente como, por exemplo, um barulho muito alto.
- **Agressividade por dor:** gatos que estão feridos ou que sofrem de uma enfermidade crônica subjacente podem demonstrar agressividade quando abordados ou manuseados. A dor excessiva pode ser causada por tumores, artrite, otites ou membros fraturados.

Manejo do estresse em abrigos de gatos

Todos os animais, ao ingressar em um abrigo, estarão sujeitos a situações de estresse e medo. Para melhorar os níveis de bem-estar dos gatos no abrigo, algumas atitudes devem ser tomadas quanto ao manejo dos animais. Deve-se reconhecer o estresse e seus causadores e, então, reduzi-los. Portanto, o manejo inicial desses indivíduos deve ser o mais adequado possível, respeitando as características da espécie.

O estresse pode ser benéfico para o animal na adaptação ao meio, para fins de sobrevivência. Entretanto, quando essa situação desgastante é rotineira, o estresse pode diminuir

consideravelmente os níveis de bem-estar dos gatos, bem como torná-los mais suscetíveis a doenças. Por isso, é importante minimizar as situações estressantes ao máximo, e, o quanto antes for possível, adaptar o animal ao novo local de convívio.

Quando sujeito a estresse crônico, os gatos podem:

- Sofrer danos físicos e emocionais;
- Ter supressão do sistema imune;
- Ficar suscetível a doenças e à morte;

Entrar em estado de distresse – sentimento de angústia experienciado pelo animal perante estresse contínuo ao qual o animal não consegue se adaptar. O estado de distresse é considerado uma forma de sofrimento e deve ser combatido com todo esforço pelo abrigo e seus colaboradores, a fim de diminuir ou eliminar essa situação nos abrigos.

Ações que podem ser tomadas para diminuição do estresse:

- Manter os cães fora do campo visual e auditivo dos gatos;
- Manter rotina previsível no manejo diário;
- Alimentação no mesmo horário todos os dias;
- Limpeza de recintos no mesmo horário todos os dias.

Gatos são animais que se sentem confortáveis tendo uma rotina previsível, sendo os manejos citados, bons métodos para diminuição do sentimento de estresse nesses locais.

Capítulo 10 - Enriquecimento ambiental

O enriquecimento ambiental (EA) é um processo de mudanças e implantações de práticas de manejo com estratégias temporais, físicas, sociais e sensoriais, visando oferecer estímulos que possam aumentar o conforto e a capacidade de adaptação do animal, tanto fisiológica quanto psicológica, em condições similares às que ele encontraria na natureza. O objetivo é reduzir o estresse e ampliar o nível de bem-estar, provendo estímulo físico e mental, encorajando os comportamentos normais da espécie e permitindo ao animal ter mais controle sobre o seu meio, mesmo estando em um ambiente artificial. O EA é tão importante quanto os cuidados de saúde, nutrição e cuidados veterinários, e não deve ser considerado opcional.

As principais técnicas do enriquecimento ambiental estão divididas em cinco tipos: enriquecimento físico, relacionado à estrutura em que o animal vive; enriquecimento sensorial, estímulos dos cinco sentidos com objetos; enriquecimento cognitivo, estimulando a capacidade intelectual; enriquecimento social, interação dentro do ambiente que vive; e enriquecimento alimentar, estimulando a procura dos alimentos.

Para realizar o enriquecimento ambiental, os animais devem ter, pelo menos, um contato social regular, estímulo mental e atividades físicas. A interação diária com as pessoas, de forma positiva, também é um poderoso enriquecedor ambiental, diminuindo o estresse. Os animais devem receber ou ter contato humano fora das atividades de limpeza e alimentação, já que nesses momentos não se considera o EA.

Cães

O enriquecimento ambiental em cães busca diminuir a ansiedade e medo, facilitar o aprendizado e o neurodesenvolvimento, melhorar a socialização, diminuir latidos e agitação, diminuir o choro de filhotes e melhorar a aproximação com estranhos.

Enriquecimento Ambiental Alimentar (EAA) – Alterar a forma de fornecimento do alimento, gerando diminuição das estereotipias decorrente da “antecipação pré-alimentação” e o aumento dos comportamentos naturais da espécie.

- Colocar no ambiente alimentos novos e desconhecidos pelo animal e que sejam extremamente palatáveis, como alimentos úmidos e petiscos;
- Fornecimento de gramíneas.

Enriquecimento Ambiental Sensorial – Utilização de diversos incentivos de forma a aguçar e estimular os sentidos dos animais, seja através de cheiros, sons ou texturas.

- Colocar no ambiente alimentos novos e desconhecidos pelo animal;

- Esconder a alimentação em “kongs” ou similares, como garrafas pet;
- Fornecer brinquedos com texturas, barulhos, cheiros e gostos variados;
- Música clássica no horário de atividade dos animais ou de fornecimento de alimentos;
- Disposição de local com gramíneas;
- Uso de feromônio sintético no ambiente.

Enriquecimento Ambiental Cognitivo – Acréscimo de desafios no ambiente e recompensas aos animais.

- Colocar no ambiente pneus, caixas e outros objetos para entretenimento, além de esconder objetos.

Enriquecimento Ambiental Social – Relacionado com a interação entre indivíduos, de forma interespecífica (cão-humano) ou intraespecífica (cão-cão).

- Ter momento de afeto e brincadeira do cuidador/voluntário com os cães, com acariciadas longas e lentas;
- Ter momentos em que os cães ficam soltos para que socializem e brinquem entre si.

Enriquecimento Ambiental Físico – Modificação estrutural do recinto onde os animais residem.

- Ambiente com presença de abrigos cobertos para proteção contra sol e chuva;
- Presença de panos e cobertas;
- Presença de brinquedos e objetos para entretenimento.

Gatos

Enriquecimento Ambiental Alimentar - Algumas ações podem ser tomadas para que os animais tenham um ambiente mais estimulante, inclusive, na hora da alimentação.

- Alimentos úmidos são ótimos para a saúde dos gatos, pois aumentam seu consumo diário de água, contribuindo para diminuição da incidência de doenças do trato urinário.
- Gatos são animais que caçam, portanto, criar situações semelhantes podem estimular o animal, tornando a alimentação mais prazerosa.
- Aquecer os alimentos pode fazer com que os gatos se alimentem de forma mais adequada, sendo 30°C a temperatura ideal.
- O ato de comer alimentos fibrosos, como gramíneas, é muito saudável e prazeroso para os gatos. Por isso, é benéfico ter vasos com gramíneas plantadas.
- Deixar alimentos e recipientes com água em superfícies elevadas tornará a alimentação mais agradável, tendo em vista que os gatos gostam de permanecer em locais altos. Alguns

animais, pelo simples fato de passarem a ser alimentados em lugares mais altos, aumentam a ingestão de comida e de água.

- Gatos preferem se hidratar através do consumo de água corrente e fresca, portanto, é benéfico a presença de fontes de água no ambiente.

Enriquecimento Ambiental Sensorial – O enriquecimento sensorial leva em conta os sentidos dos gatos: tato, audição, olfato, visão e paladar. O enriquecimento deve ser feito de forma individual, quando possível, pois os animais apresentam diferentes interesses.

- Arranhadores estimulam a curiosidade e o tato dos animais.
- Brinquedos podem estimular diversos sentidos ao mimetizar uma presa, e podem ter sons, cheiros, texturas e formatos interessantes para os gatos.
- Pisos com diferentes texturas podem estimular o tato dos animais durante a exploração do ambiente.
- Feromônios podem ser utilizados para que os animais fiquem mais calmos, pois através do olfato estimulam sensações de bem-estar.

Enriquecimento Ambiental Cognitivo – O enriquecimento cognitivo pode ser feito através de brincadeiras e jogos que estimulem os animais de diversas formas.

- Brinquedos que estimulam a caça, bem como a atividade física, podem ser utilizados para aumentar os níveis de bem-estar dos gatos.
- Brinquedos que escondam petiscos também podem ser utilizados para o mecanismo de recompensa, fazendo com que o animal tenha que desempenhar uma ação para ter acesso ao alimento.

Enriquecimento Ambiental Social – Esse tipo de enriquecimento se dá através do contato com outros animais, sejam gatos ou não. Deve ser feito pela interação de forma positiva, principalmente na fase de socialização dos gatos. Os encontros podem, além de socializar, gerar brincadeiras que trarão enriquecimento cognitivo também.

Enriquecimento Ambiental Físico – O enriquecimento ambiental físico pode ser alcançado através de características físicas do local de convívio dos animais.

- As prateleiras fixadas em locais altos estimulam a movimentação dos animais, bem como podem permitir o seu isolamento se assim desejarem.
- As tocas podem ser dispersas pelo ambiente, no chão ou em locais altos, proporcionando local de isolamento para os animais.

- As janelas são de muito interesse dos gatos e, por segurança, devem ser teladas. Além disso, devem conter acessos que permitam aos gatos chegarem até elas.

É extremamente importante que todos os tipos de enriquecimento ambiental sejam implementados e suas técnicas sejam monitoradas e modificadas conforme o tempo. Dessa forma, haverá sempre a promoção de estímulos cognitivos e físicos do animal, facilitando que expressem seus comportamentos naturais. Esse trabalho evita um nível baixo de bem-estar, problemas de saúde e gera maiores chances do animal ter uma adoção segura e duradoura.

Capítulo 11 - Monitoramento das adoções e aconselhamento comportamental

Sugere-se que o monitoramento dos animais pós-adoção seja feito, no mínimo, durante os primeiros seis meses, para verificar a adaptação do cão ou gato ao novo ambiente e questões referentes ao bem-estar e à qualidade de vida do animal adotado. É importante que esse contato com o adotante seja mais próximo nas primeiras semanas, período em que o número de devoluções costuma ser maior.

As visitas devem acontecer, preferencialmente, sem agendamento prévio e ser intercaladas com visitas agendadas. Também podem ser alternadas com ligações e, dependendo de sua realidade e disponibilidade de recurso e pessoal, chamadas de vídeo para acompanhamento da nova rotina do animal.

O pós-adoção deve ser feito com bom senso, avaliando cada caso individualmente. É importante que o monitoramento tenha caráter instrutivo e educativo, possibilitando ao tutor sanar as irregularidades quando possível. No *QR code* ao lado, há uma sugestão de ficha de avaliação de pós-adoção.



Em casos mais graves, como o de crueldade e maus-tratos ativo – agressões, arremessos, tortura, detecção de negligência/omissão, animal com comportamento de medo e agressividade – sugere-se que o animal seja recolhido e o caso encaminhado às autoridades competentes, entre elas a polícia ambiental, polícia civil, Ministério Público e órgãos responsáveis da prefeitura. Deve-se providenciar uma avaliação cuidadosa do animal e os cuidados necessários para a sua recuperação.

Os insucessos na adoção podem ocorrer por fatores como as características do adotante; características do animal; e vivências anteriores do cão ou gato que podem desencadear comportamentos não desejados e prejudicá-los no processo adotivo e pós-adotivo. Estudos prévios têm demonstrado que os comportamentos observados nos animais dentro dos abrigos podem vir a ser relatados como problemas comportamentais no pós-adoção. Sempre que possível, o médico-veterinário responsável técnico do abrigo deve orientar os futuros adotantes e incentivar a adoção de adultos, já que apresentam características de temperamento e comportamento já conhecidas.

Outros motivos para a devolução de animais e que são difíceis de serem detectados antes da adoção ser concluída são, por exemplo, o adotado não se acostumar com crianças ou outros animais da residência, ou o adotante descobrir que é alérgico ao animal. Além disso, verificam-se problemas que evidenciam falta de preparo por parte do adotante, incompatibilidade com o

tamanho que o animal assume ao final do seu crescimento, falta de tempo para ficar com o animal ou falta de espaço para o cão ou gato se exercitar.

Dessa forma, é essencial que o processo de adoção contemple uma avaliação prévia do perfil do animal e do adotante, instruções sobre guarda responsável e visitas pré e pós adoção. Os adotantes devem receber informações educativas sobre como cuidar corretamente do animal, tanto para prevenir riscos, maus-tratos e abandono, como para prevenir problemas que afetem a saúde pública. As orientações devem conter informações sobre: perfil do animal e suas necessidades comportamentais; ambiente adequado de convívio e descanso; cuidados gerais; necessidades psicológicas; nutrição; protocolos sanitários; e assistência veterinária, sempre enfatizando o não abandono.

O programa *Meet your Match™* desenvolvido pela *American Society for the Prevention of Cruelty Animals (ASPCA)*, nos EUA, foi desenvolvido para aumentar a probabilidade de cães e gatos se relacionarem com seus adotantes, e implementa algumas estratégias para cães (*Canine-ality™*), gatos (*Feline-ality™*) e filhotes (*Puppy-ality™*). Para ter acesso ao programa, manuais e guias, acesse o QR code ao lado.



O monitoramento do pós-adoção é importante para detectar precocemente problemas do vínculo do animal e da família, evitando possíveis abandonos, maus-tratos e problemas de saúde pública. É de extrema importância realizar o aconselhamento e monitoramento da família. O aconselhamento pode ser por telefone, envio de folders ou material digital, dando orientações sobre como resolver eventuais problemas identificados. O objetivo é orientar as pessoas de forma prática e objetiva sobre os comportamentos básicos e problemas que podem ser apresentados. Caso ocorram problemas mais complexos, podem ser realizadas visitas presenciais às casas das famílias.

Capítulo 12 - Orientações básicas para adotantes sobre o comportamento de cães e gatos

Idealmente, ao adotar um animal de abrigo, espera-se que os funcionários e voluntários do local possam reconhecer previamente o comportamento de cada animal e informar ao adotante suas particularidades.

Assim como as pessoas, cada animal tem suas características psicológicas e mentais definidas por suas experiências. O comportamento de cada animal irá definir a correspondência às expectativas do futuro adotante, por isso é importante reconhecer se o animal é brincalhão, preguiçoso, medroso e se possui algum trauma anterior. Existem protocolos que auxiliam no reconhecimento das características de cada animal para que suas qualidades sejam compatíveis com as expectativas do tutor. O protocolo *Meet Your Match* é uma boa ferramenta para que funcionários das ONGs possam compreender seus animais de acordo com uma série de comportamentos e classificá-los em perfis comportamentais específicos, que facilitam a adoção futura.

Os animais possuem um jeito próprio de comunicação entre si e com os humanos, e, mesmo com a estreita convivência, ainda não é muito elucidado o que as atitudes significam. Mesmo que os funcionários das ONGs não conheçam o perfil específico de cada animal doado, é dever do adotante respeitar os limites de cada animal e estar sempre atento a sinais que alertem para um desconforto e potencial risco de agressão. Em cães e gatos, esses sinais abrangem: rosnar, eriçar os pelos, orelhas baixas e para trás, pupilas dilatadas e olhar focado em apenas uma pessoa ou animal. Um animal em seu estado normal e saudável deve brincar, se exercitar, explorar o ambiente e interagir de forma positiva com outros animais e/ou humanos que convive.

Também é preciso ter paciência e compreensão com um animal recém adotado, principalmente os adultos, que foram socializados em outros ambientes e situações. É de extrema importância que orientações de guarda responsável sejam repassadas aos adotantes, destacando que cada espécie possui necessidades comportamentais específicas e que o ambiente e rotina precisam ser adequados para ofertar essas necessidades.

Diversas vezes os animais resgatados pelas ONGs são provenientes de lares conturbados, onde sofriam maus-tratos, ou vivenciaram o abandono e precisaram sobreviver nas ruas por algum tempo. Além disso, o animal pode demorar para se adaptar à mudança de ambiente de um abrigo transitório para um lar definitivo. Um bom tutor deve compreender, e acima de tudo, respeitar o tempo de adaptação do animal adotado.

São qualidades de um bom adotante:

p**A**ciência
de**D**icação
am**O**r
respe**I**to
Compre**E**nsão

Fonte: os autores, 2021.

No *QR code* ao lado é disponibilizado um Guia do Adotante que pode ser fornecido às famílias adotantes como ferramenta de orientação para uma adequada adaptação do animal, assim como traz orientações básicas para garantir sua saúde, bem-estar e longevidade. O guia foi desenvolvido pela equipe de médicos-veterinários do Instituto PremieRpet® em parceria com os médicos-veterinários residentes em Medicina Veterinária do Coletivo da UFPR especialmente para os adotantes, cuja família acabou de ganhar um novo membro.



Referências

- ADAMELLI, S., MARINELLI, L., NORMANDO, S., BONO, G. Owner and cat features influence the quality of life of the cat, **Applied Animal Behaviour Science**, v. 94, Issues 1–2, p. 89-98, 2005.
- AMERICAN SOCIETY FOR THE PREVENTION OF CRUELTY TO ANIMALS . **Canine Body Language**. Disponível em: https://www.aspcapro.org/sites/default/files/canine-body-language-aspca_0.pdf. Acesso em: 25 jun de 2020.
- BARNARD, S.; PEDERNERA, C.; VELARDE, A.; DALLA VILLA, P. **Shelter quality: welfare assessment protocol for shelter dogs**. Teramo: Istituto Zooprofilattico Sperimentale dell’Abruzzo e del Molise “G. Caporale”, 2014. 49 p.
- BRAMBELL, R. **Report of the Technical Committee to Enquire into the Welfare of Animals Kept Under Intensive Livestock Husbandry Systems**. London: Her Majesty's Stationery Office, 1965.
- BEAVER, B.V. **The Veterinarian’s Encyclopedia of Animal Behavior**. Ames: Iowa State University Press, 1994. 307p.
- BELL, A.M., HANKISON, S.J., LASKOWSKI, K.L. The repeatability of behaviour: a meta-analysis. **Anim. Behav.**, v. 77, Issue 4, p. 771-783, 2009.
- BROOM, D. M. **Sentience and Animal Welfare**. London: CABI, 2014, 185 p.
- BSVARTBERG, K., FORKMAN, B. Personality traits in the domestic dog (*Canis familiaris*). **Appl. Anim. Behav. Sci.**, v. 79, p. 133-155, 2002.
- CALDERON, N. A. M., CHIOZZOTTO, E.N., GOMES, L. H., ALMEIDA, M., GARCIA, R. C. M. Guia Prático Curso de Formação de Oficiais de Controle Animal (FOCA). Instituto Técnico de Educação e Controle Animal, 2.ed., 2008.
- CALDERÓN, N.; MEJIA, C.; GONZÁLEZ, J. C. Comportamento animal e bem-estar: problemas e soluções. In: GARCIA, R. C. M.; CADERÓN, N. BRANDESPIM, D. F. **Medicina veterinária do coletivo: fundamentos e práticas**. 1. ed. São Paulo: Integrativa, 2019. p. 290-309. ISBN: 978-65-80244-00-3.
- CHRISTENSEN, E., SCARLETT, J., CAMPAGNA, M., HOUP, K.A. Aggressive behavior in adopted dogs that passed a temperament test. **Appl. Anim. Behav. Sci.**, v. 106, p. 85-95, 2007.
- CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA VETERINÁRIA DE SÃO PAULO, COMISSÃO DE BEM-ESTAR ANIMAL. **Guia prático para avaliação inicial de maus tratos a cães e gatos**. São Paulo, 2018, 24 p. Disponível em: https://www.crmvsp.gov.br/arquivo_legislacao/GUIA_PRATICO_PARA_AVALIACAO_INICIAL_DE_MAUSTRATOS_A_CAES_E_GATOS.pdf. Acesso em 25 jun 2020.
- DA SILVA BRAGA, J., MACITELLI, F., DE LIMA, V. A., & DIESEL, T. O modelo dos “Cinco Domínios” do bem-estar animal aplicado em sistemas intensivos de produção de bovinos, suínos e aves. **Revista Brasileira de Zootecias**, 19(2), 2018.
- DEL-CLARO, K. **Introdução à Ecologia Comportamental: um manual para o estudo do comportamento animal**. 1. ed. Rio de Janeiro: Technical Books Editora, 2010. 128 p. Disponível em: <http://www.leci.ib.ufu.br/pdf/Introdu%20%20Ecologia%20Comportamental.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2020.
- FARACO C. B.; SOARES G. M. **Fundamentos do comportamento canino e felino**. São Paulo: Editora MedVet, 2013, 242p.

- FARM ANIMAL WELFARE COUNCIL. **Farm Animal Welfare in Great Britain: Past, Present and Future**. Farm Animal Welfare Council, 2009. Disponível em: https://assets.publishing.service.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/319292/Farm_Animal_Welfare_in_Great_Britain_-_Past__Present_and_Future.pdf. Acesso em 16 jun 2020.
- HARRISON, R. **Animal Machines: The new Factory Farming Industry**. London: Forword by Rachel Carsson, 1964.
- HAMMERSCHMIDT, J.; MOLENTO, C.F.M. Protocol for expert report on animal welfare in case of companion animal cruelty suspicion. **Brazilian Journal of Veterinary Research on Animal Science**, v. 51, n.4, p. 282-296, 2014.
- HASEGAWA, M.; OHTANI, N.; OHTA, M. Dogs' Body Language Relevant to Learning Achievement. **Animals**, v. 4, p. 45-58, 2014.
- HENZEL, M. **O enriquecimento ambiental no bem-estar de cães e gatos**. 2014. 53 f., Monografia de conclusão de curso - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- JONES, A.C.; GOSLING, S.D. Temperament and personality in dogs (*Canis familiaris*) a review and evaluation of past research. **Appl. Anim. Behav. Sci.**, v. 95, p. 1-53, 2005.
- KRY, K.; CASEY, R. The effects of hiding enrichment on stress levels and behavior of domestic cats (*Felis sylvestris catus*) in a shelter setting and the implications for adoption potential. **Animal Welfare**, v. 16, p. 375-383, 2007.
- KUMAR, S.; CHOUDHARY, S.; KUMAR, R., KUMAR, A. PAL, P.; MAHAJAN, K.; Animal Sentience and Welfare: An Overview. **International Journal of Current Microbiology and Applied Sciences**, v. 8(8), p. 635-646, 2019.
- LOW, P. Declaração de Cambridge sobre a Consciência em Animais Humanos e Não Humanos, 2012. Disponível em: <https://www.ifsertao-pe.edu.br/images/Pro-Reitorias/Propip/Comite-de-Etica/Declaracao%20de%20Cambridge.pdf>. Acesso em 14 jun 2020.
- CORDARO, C. F., PIMENTA, C. U., DE OLIVEIRA, D. A. M., DE MELO, H. A. D., GUIRELLI, M. O., BONATTO, R. S., FIORETTI, V. B. **Manual do treinador de cães**. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3873299/mod_resource/content/1/Manual%20do%20treinador%20-%20Revisado.pdf. Acesso em: 14 jul 2020.
- MELLOR, D. Operational Details of the Five Domains Model and Its Key Applications to the Assessment and Management of Animal Welfare. **Animals**, v. 7(12), p. 60, 2017.
- MELLOR, D. J.; HUNT, S.; GUSSET, M. (eds) **Caring for Wildlife: The World Zoo and Aquarium Animal Welfare Strategy**. Gland: WAZA Executive Office, p. 87, 2015.
- MELLOR, D. J., Beausoleil, N. J. Extending the 'Five Domains' model for animal welfare assessment to incorporate positive welfare states. **Animal Welfare**, v. 24, p. 241-253, 2015.
- MELLOR, D.J. Updating animal welfare thinking: Moving beyond the "Five Freedoms" towards "a life Worth Living". **Animals**, v. 6 (3), pp. 21, 2016.
- MILLER, L., ZAWISTOWSKI, S. **Shelter medicine for veterinarians and staff**. 2.ed. Iowa: Wiley-Blackwell, 2013.
- MILLER, L. Dog and cat care in the animal shelter. In: Miller, M.; Zawistowski, S. (eds), **Shelter Medicine for Veterinarians and Staff**, pp. 95-119. Blackwell, Ames, 2004.

- MOLENTO, C. F. M. Public health and animal welfare. In: APPLEBY, M. C.; WEARY, D. M.; SANDOE, P. **Dilemmas in animal welfare**. 1. ed. London: WSPA, 2014. p.102-123.
- MOTTA, M. C., DOS REIS, N. R. Elaboração de um catálogo comportamental de gato-do-mato-pequeno, *Leopardus tigrinus* (Schreber, 1775) (Carnivora: Felidae) em cativeiro. **Biota Neotrop.**, Campinas, v. 9, n. 3, p. 165-171, set. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-06032009000300017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 Set 2020.
- OHL, F., VAN DER STAAY, F. Animal welfare: At the interface between science and society. **The Veterinary Journal**, 192(1), pp.13-19, 2012.
- OVERALL, K. L. **Manual of Clinical Behavioral Medicine for Dogs and Cats**. St Louis: Elsevier, 2013.
- OVERALL, K.L., RODAN, I., BEAVER, B. V., CARNEY, H., CROWELL-DAVIS, S., HIRD, N., KUDRAK, S., WEXLER-MITCHEL, E. Feline behavior guidelines from the American Association of Feline Practitioners. **Journal of the American Veterinary Medical Association**, v. 227, n. 1 p. 70-84, 2005.
- PATRONEK, G.J.; GLICKMAN, L.T.; MOYER, M.R. Population dynamics and the risk of euthanasia for dogs in an animal shelter. **Anthrozoos**, v. 1, p. 31-43, 1995.
- REID, P. J.; COLLINS, K. Training and behavior modification for the shelter. **Animal behavior for shelter veterinarians and staff**, p. 172, 2015.
- ROSSI, A. **Adestramento Inteligente: com amor, humor e bom senso**. 9. ed. Editora CMS, 2002. 255 p.
- RYAN, S.; BACON, H.; ENDENBURG, N.; HAZEL, S.; JOUPPI, R.; LEE, N.; ... TAKASHIMA, G. WSAVA Animal Welfare Guidelines. **Journal of Small Animal Practice**, 60(5), E1-E46, 2019.
- SERPELL, J. A. **Canine Behavioral Assessment & Research Questionnaire**. University of Pennsylvania, 2012.
- SINGER, P. **Vida ética: os melhores ensaios do mais polêmico filósofo da atualidade**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. ISBN 850001055X. P. 54
- SPINDEL, M. Strategies for management of infectious diseases in a shelter. In: M. Miller & S. Zawistowski (eds), **Shelter Medicine for Veterinarians and Staff**, 2ed., pp. 281–286, 2013. Wiley-Blackwell, Ames.
- SVARTBERG, K.; TAPPER, I.; TEMRIN, H.; RADESATER, T., THORMAN, S. Consistency of personality traits in dogs. **Anim. Behav.**, v. 69, p. 283-291, 2005.
- TUBER, D. S.; MILLER, D. D.; CARIS, K. A.; HALTER, R.; LINDEN, F.; HENNESSY, M. B. Dogs in animal shelters: problems, suggestions, and needed expertise. **Psychological Science**, v.10, n. 5, p. 379-386, 1999.
- WEBSTER, J. Animal welfare: Freedoms, dominions and “a life worth living”. **Animals**, v. 6, p. 35., 2016.
- WEISS, E.; MOHAN-GIBBONS, H.; ZAWISTOWSKI, S. (Ed.). **Animal behavior for shelter veterinarians and staff**. John Wiley & Sons, 2015.
- WELLS, D.L.; HEPPEL, P.G. The behaviour of dogs in a rescue shelter. **Anim. Welfare**, v. 1, p. 171-186, 1992.
- WORLD ORGANIZATION FOR ANIMAL HEALTH. **Terrestrial Animal Health Code**. 2013. Disponível em: <http://www.oie.int/index.php?id=169&L=0&htmfile=chapitre_aw_introduction.htm>. Acesso em: 18 abr. 2018.



PROJETO **MEDICINA**
VETERINÁRIA
DE ABRIGOS



Medicina Veterinária do
Coletivo-UFPR